

ONCIDERINI (COLEOPTERA, CERAMBYCIDAE, LAMIINAE):
 SINONÍMIAS, NOVOS TÁXONS, CHAVES E NOTAS

UBIRAJARA R. MARTINS^{1,3,4}
 MARIA HELENA M. GALILEO^{2,4}

ABSTRACT

New taxa described: *Hypsioma renatoi*, sp. n. (Brazil: ES); *H. asthenia*, sp. n. (Brazil: RO); *H. barbara*, sp. n. (Brazil: ES); *Charoides pigra*, sp. n. (Bolivia); *Tulcoides*, gen. n., type-species, *T. pura*, sp. n. (Brazil: ES); *Bucoides exotica*, sp. n. (Brazil: RJ); *Prohylus*, gen. n., type-species, *P. phanthasma*, sp. n. (Brazil: PA); *Proplerodia*, gen. n., type-species, *P. goyana*, sp. n. (Brazil: GO); *Sternycha clivosa*, sp. n. (Bolivia); *S. diasi*, sp. n. (Brazil: RO, SP); *Glyphaga vicina*, sp. n. (Brazil: RJ, SC); *G. mucorea*, sp. n. (Brazil: PE, BA); *G. unicolor*, sp. n. (Brazil: RS); *Hesycha ocellifera*, sp. n. (Brazil: MG, ES, SP, PR, Argentina); *H. bimaculata*, sp. n. (Brazil: ES); *H. micropthalma*, sp. n. (Brazil: MG, RJ, SP, PR, SC); *H. simplex*, sp. n. (Brazil: MG); *H. clavata*, sp. n. (Brazil: MS); *Tibiosoma*, gen. n., type-species, *T. remipes*, sp. n. (Brazil: MG); *Carenesycha*, gen. n., type-species, *C. carenata*, sp. n. (Ecuador); *Hesychotypa ableptema*, sp. n. (Brazil: PA); *H. colombiana*, sp. n. (Colombia); *Ischiosioma*, gen. n., type-species, *I. obliquata*, sp. n. (Brazil: SC); *I. albata*, sp. n. (Brazil: ES); *Ischiocentra disjuncta*, sp. n. (Venezuela); *Trestonia nivea*, sp. n. (Suriname, Brazil: AP); *T. fasciata*, sp. n. (Colombia); *T. grisea*, sp. n. (Brazil: SC); *Trestoncideres*, gen. n., type-species, *T. lateralba*, sp. n. (Costa Rica, Suriname); *Oncideres*, gen. n., type-species, *O. picta*, sp. n. (Brazil: SP); *O. rondoniae*, sp. n. (Brazil: RO); *Psyllotoxus inexpectatus*, sp. n. (Brazil: SP); *Oncideres teixeirai*, sp. n. (Brazil: SP); *O. diringsi*, sp. n. (Brazil: AM); *O. albopicta*, sp. n. (Peru); *O. aragua*, sp. n. (Venezuela); *O. pretiosa*, sp. n. (Brazil: AM).

New synonyms established: *Hypsioma chaseba* Dillon & Dillon, 1945 = *H. basalis* Thomson, 1860; *Marensis tybalmoides* Dillon & Dillon, 1945 = *Hypselomus simplex* Bates, 1861; *Euthima nerissa* Dillon & Dillon, 1945 = *Hypselomus seniculus* Bates, 1865; *Hesycha maculicornis* Thomson, 1868 = *Glyphaga xyliana* (Bates, 1865); *Hesychotypa phaola* Dillon & Dillon, 1945 = *H. nyphonoides* (Pascoe, 1859); *Lochmaeocles vermiculatus* (Thomson, 1868) = *L. congener* (Thomson, 1868); *Ischiocentra flavoirrorata* Thomson, 1868 = *Lachnia subcincta* (A.-Serville, 1835); *Cylicasta coarctata* (Bates, 1865) = *C. liturata* (F., 1801); *Oncideres albifasciata* Dillon & Dillon, 1952 = *O. bondari* Melzer, 1927; *O. crocala* Dillon & Dillon, 1946 = *O. vicina* Thomson, 1868; *O. duodilloni* Gilmour, 1950 = *O. philosipes* Dillon & Dillon, 1946.

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 7172, 04263 São Paulo, SP, Brasil.
2. Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Caixa Postal 1188, 90001 Porto Alegre, RS, Brasil.
3. Departamento de Epidemiologia, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, Av. Dr. Arnaldo 717, 01255 São Paulo, SP, Brasil.
4. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; CNPq.

Revalidated species: *Hypsioma attalia* Dillon & Dillon, 1945; *Charoides dimidiata* (Bates, 1865); *Ischiocentra clavata* Thomson, 1860; *Oncideres vicina*, Thomson, 1868.

New combinations: *Furona sordida* (Thomson, 1868), from *Hypsioma*; *Charoides tigrinata* (Thomson, 1868), from *Hypsioma*; *Cylicasta difficilis* (Lameere, 1893), from *Hypsioma*; *Marensis simplex* (Bates, 1865), from *Hypsioma*; *Euthima variegata* (Aurivillius, 1921), from *Plerodia*; *Trestonia albilatera* (Pascoe, 1858), and *Cordites pubescens* (Thomson, 1868) from *Ischiocentra*. *Cacostola apicalis* Gilmour, 1963 is transferred to the genus *Dolychosybra* in the tribe *Apomecinini*.

Notes are presented on: *Hypsioma obscurella* (Bates, 1865); *H. insularis* Fisher, 1935; *H. parallela* Melzer, 1934; *Charoides signaticornis* (Thomson, 1868); *Glyphaga* Thomson, 1868; *Hesycha* Thomson, 1868; *Hesychotypa nyphonoides* (Pascoe, 1859), and *Lachnia subcincta* (A.-Serville, 1835).

Species checklists of the following genera are included: *Charoides* Dillon & Dillon, 1945; *Hypsioma* A.-Serville, 1835; *Euthima* Dillon & Dillon, 1945, and *Cylicasta* Thomson, 1868.

The following keys are added: *Hypsioma* (species of group II, with pubescent first abdominal sternite); *Sternycha* (South American species); *Hesycha* (Brazilian species), and *Ischiocentra* (all species).

Após a revisão da tribo *Onciderini* por Dillon & Dillon (1945, 1946), os trabalhos subsequentes trataram, quase exclusivamente, da descrição de novos táxons. Para proceder àquela revisão, Dillon & Dillon não examinaram os tipos das espécies dos autores precedentes (principalmente Thomson e Bates) o que os conduziu a diversas interpretações equivocadas.

Um dos objetivos desta contribuição é corrigir algumas daquelas interpretações, com base na excelente coleção de diapositivos de tipos do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná. Uma outra finalidade é publicar sobre o vultoso material desta tribo pertencente à Coleção Ricardo von Diringshofen, recentemente adquirida pelo Museu de Zoologia (MZSP).

Incluímos também material e comentários sobre tipos pertencentes às seguintes instituições: "Academy of Natural Sciences", Philadelphia (ANSP); "British Museum (Natural History)", Londres (BMNH); Coleção G. Tavakilian, Cayenne (CGTC); Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (DZUP); "Carnegie Museum of Natural History", Pittsburgh (ICCM); "Field Museum of Natural History", Chicago (FMNH); Museu de Ciências Naturais, Porto Alegre (MCNP); "Museo Civico d'Storia Naturale Giocomo Doria", Génova (MCSN); "Museum für Naturkunde, Humboldt Universität," Berlin; "Muséum National d'Histoire Naturelle", Paris (MNHN); Museu Nacional, Rio de Janeiro (MNRJ); "National Museum of Natural History", Washington (NMNH).

Ficamos penhorados ao Dr. Renato C. Marinoni e ao Pe. J.S. Moure pelo empréstimo da coleção de diapositivos de tipos e a Sérgio T. Pires Amarante pela execução das fotografias.

Hypsioma A.-Serville, 1835

Hypsioma A.-Serville, 1835: 38; Dillon & Dillon, 1945: 18.

Furona sordida (Thomson, 1868), comb. n.

Hypsioma sordida Thomson, 1868:48.

Originalmente descrita de "Cayenne", aproxima-se, pela extensão acentuada da carena umeral a *F. egens* (Erichson), redescrita em trabalho anterior (Martins, 1979: 148). Não foi examinado material de *F. sordida* e esta nova combinação está baseada no diapositivo do holótipo (MNHN).

Hypsioma attalia Dillon & Dillon, 1945, revalidada.

Hypsioma attalia Dillon & Dillon, 1945: 45, est. 3, fig. 3; 1952: 60 (*in syn.*).

Dillon & Dillon (1952:60) com base num exemplar comparado por Breuning no MNHN com o tipo de *Hypsioma sordida* Thomson (*l.c.*:59), consideraram *H. attalia* sinônima de *H. sordida*. O material comparado com o tipo por Breuning não corresponde, certamente, a *H. sordida*, segundo o diapositivo do holótipo. *H. sordida* é uma espécie do gênero *Furona* para o qual foi transferida acima. Portanto, *H. attalia*, uma *Hypsioma* verdadeira e completamente diferente de *H. sordida*, deve ser revalidada.

Charoïdes tigrinata (Thomson, 1868), comb. n.

Hypsioma tigrinata Thomson, 1868: 49; Dillon & Dillon, 1946: 406.

Dillon & Dillon (1946) não examinaram material desta espécie, motivo pelo qual a mantiveram em *Hypsioma*.

Material. Guiana Francêsa. Matoury (Gd. Matoury), 1 ♀, 20. III. 1982, G. Tavakilian col. (MZSP).

Cylicasta difficilis (Lameere, 1893), comb. n.

Hypsioma difficilis Lameere, 1893: 278.

Foi examinado o diapositivo do holótipo (MNHN), espécie pertencente a *Cylicasta* e originalmente descrita da Venezuela, "Colonie Tovar".

Marensis simplex (Bates, 1865), comb. n.

Hypselomus simplex Bates, 1865: 168.

Hypsioma simplex; Bates, 1865: 170, *non* Dillon & Dillon, 1945: 50, est. 2, fig. 4.

Marensis tybalmoides Dillon & Dillon, 1945: 95, est. 3, fig. 7, *syn. n.*

Dillon & Dillon (1945:40) identificaram erroneamente *Hypselomus simplex* o que os levou a descrevê-la como *Marensis tybalmoides*. Foram examinados os diapositivos dos cótipos de *simplex* (MNHN) e do holótipo de *tybalmoides* (ANSP).

Hypsioma basalis Thomson, 1860

Hypsioma basalis Thomson, 1860: 117; 1868: 50.

Hypsioma chaseba Dillon & Dillon, 1945:30, est. 30, fig. 7, *syn. n.*

Foram comparados os diapositivos dos dois holótipos (respectivamente depositados no MNHN e ANSP).

O material examinado, topotípico de *H. chaseba*, consiste de dois machos de Rio de Janeiro, Nova Friburgo (Mury), 20-30.XII. 1972. Gred & Guimarães col. (MZSP).

Três outras espécies até o momento incluídas em *Hypsioma*, das quais não examinamos material, são, provisoriamente, ainda mantidas no gênero:

1. *Hypsioma obscurella* (Bates, 1865). Pelo exame do diapositivo do tipo (MNHN) estamos convencidos de que não pertence ao gênero, mas não estamos em condições de transferi-la para nenhum dos gêneros conhecidos.

2. *Hypsioma insularis* Fisher, 1935. Segundo pudemos constatar pelo estudo do diapositivo do holótipo (NMNH), os pontos da base dos élitros parecem não ser tuberculados, caráter que excluiria a espécie de *Hypsioma*. Entretanto, não estamos capacitados para transferi-la, com segurança, para outro gênero.

3. *Hypsioma parallela* Melzer, 1934. A ilustração do holótipo (Melzer, 1934, est. 2, fig. 10), indica que provavelmente pertença ao gênero *Hypsioma*, muito embora Dillon & Dillon (1946:405) a tenham considerado entre espécies "incertae sedis".

Hypsioma renatoi, sp. n.

(Fig. 21)

Tegumento acastanhado. Fronte com pubescência acinzentada maculada de castanho. Vértice cinza, com máculas castanhas divididas pela sutura epicranial. Escapo cinza com anel castanho ante-apical. Antenômeros III-XI castanhos com base cinza (no III o anel cinza ultrapassa o meio). Protórax com algumas máculas castanhas. Declividade basal dos élitros com pubescência acinzentada; terço basal variegado de amarelo-sujo e castanho; faixa central oblíqua densamente branca; metade apical quase inteiramente esbranquiçada, amarelo-acastanhada no quarto apical. Esternos torácicos predominantemente cinza. Andômen acinzentado aos lados, castanho no centro. Pernas com pubescência acinzentada.

♂. Tubérculos anteníferos acuminados. Pronoto com grande gibosidade a cada lado; lados do protórax com pequeno tubérculo ao nível do quarto basal. As antenas atingem o ápice elital no meio do antenômero VIII. Procoxa com tubérculo unciforme. Crista centro-basal moderadamente projetada, com poucos tubérculos.

♀. Antenas alcançam ponta dos élitros no ápice do antenômero IX. Pronoto geralmente com duas manchas acastanhadas látero-basais.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂ e ♀. Comprimento total, 13,0-19,3 e 14,9-19,5; comprimento do protórax, 2,5-3,5 e 2,6-3,5; maior largura do protórax, 3,7-5,4 e 4,1-5,5; comprimento do élitro, 9,5-13,6 e 11,1-14,5; largura umeral, 6,0-9,0 e 7,0-9,0.

Material. Brasil. Espírito Santo: Linhares, 1 ♂, 2 ♀, XII.1965, A. Maller col. (DZUP); 1 ♀, I.1969, A. Maller col. (DZUP); 1 ♀, X.1972, P.C. Elias col. (MZSP); (Parque Sooretama), 1 ♂, 17-27.X.1962, F. S. Pereira col. (MZSP); 1 ♂, 27.XI.1965, F. Oliveira col. (DZUP); Santa Teresa, 1 ♀, 19.XI.1968, C. Elias col. (DZUP). Holótipo ♀ (Linhares) e parátipo ♂ no MZSP; 2 parátipos ♂ e 4 parátipos ♀ no DZUP.

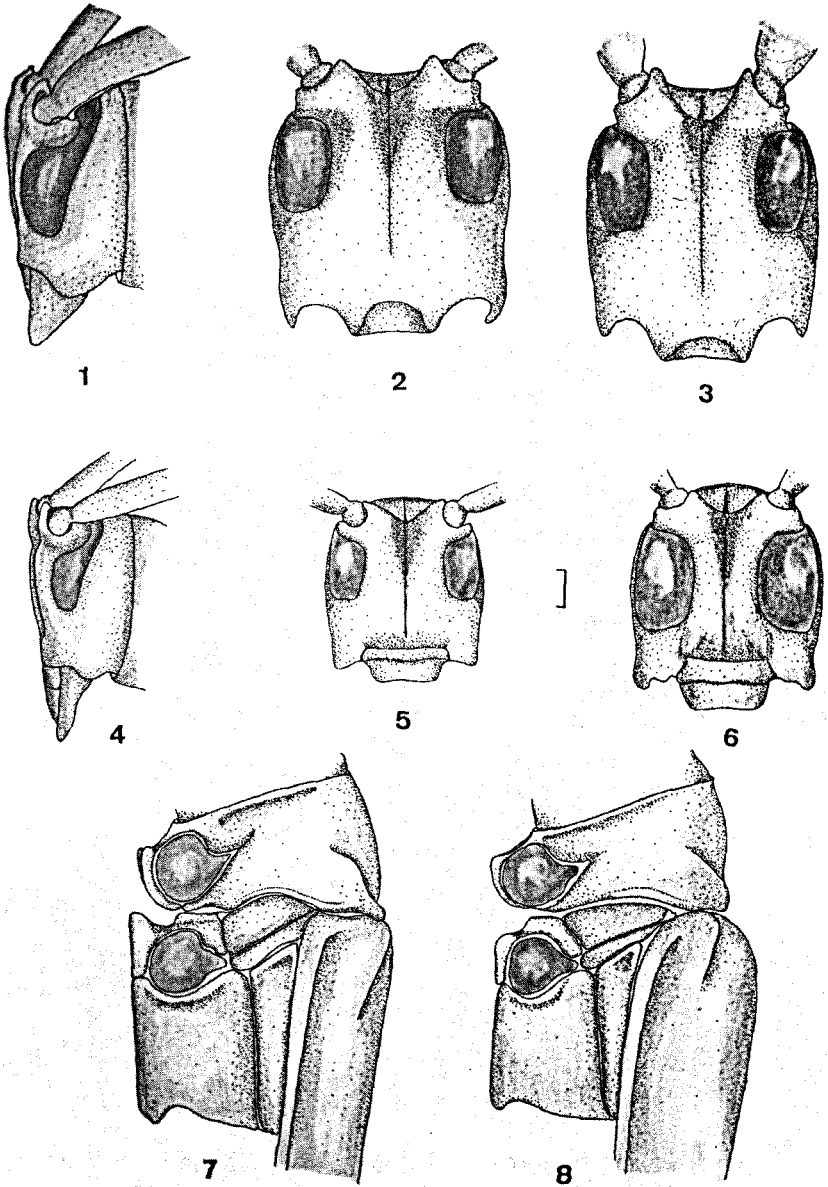
Discussão. A presença de faixa longitudinal de pubescência castanha no centro do abdômen, os tubérculos laterais do pronoto fundidos em grande gibosidade e os pequenos tubérculos laterais ao nível do quarto basal do protórax são caracteres que permitem reconhecer imediatamente *H. renatoi*, que além disso, tem padrão de colorido bem diferente do apresentado pelas espécies com centro dos urosternitos pubescente.

O nome da espécie é uma homenagem a Renato C. Marinoni que de inúmeras maneiras tem colaborado estreitamente com o nosso trabalho em Cerambycidae.

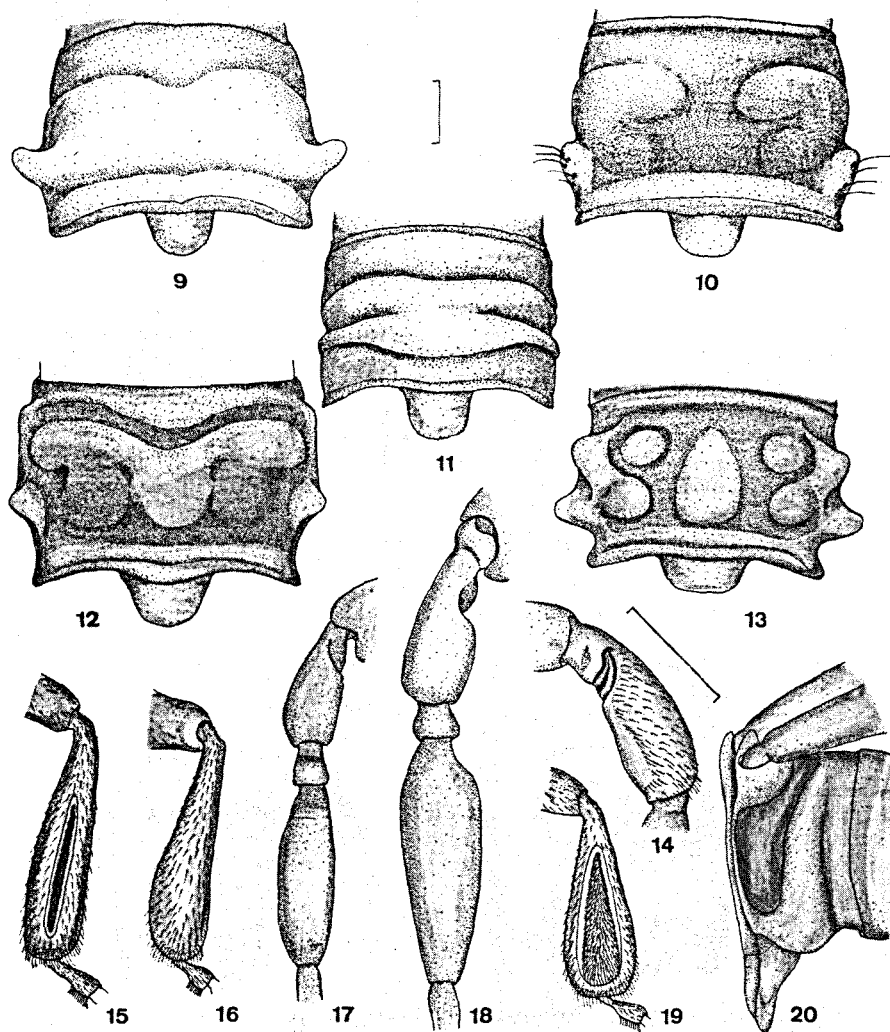
Hypsioma asthenia, sp. n.

(Fig. 22)

♂. Tegumento castanho-escuro, mais avermelhado nos tubérculos da base dos élitros, claro na base dos antenômeros V-X. Pubescência castanho-clara, mais amarelada no pronoto e na base dos élitros. Antenômero III com pubescência acinzentada na metade basal; nos demais antenômeros apenas junto às bases. Élitros com pequenas manchas de pilosidade branca, pouco contrastantes, esparsas. Lados dos urosternitos com pubescência amarelada; região central opaca,



Cabeça, lateral: 1, *Hesycha ocellifera*, sp. n.; 4, *H. consimilis* Thomson. Cabeça, frontal: 2, *Hypsioma barbara*, sp. n.; 3, *H. inornata* Thomson; 5, *Prohylus phanthasma*, sp. n.; 6, *Hylus dubius* Dillon & Dillon. Tórax, lateral: 7, *Sternycha clivosa*, sp. n.; 8, *S. sternalis* Dillon & Dillon. Escala = 1 mm. Todas as figuras nas mesma escala, exceto 5, 6.



Pronoto: 9, *Ischiocentra diringshofeni* Lane; 10, *I. clavata* Thomson; 11, *I. disjuncta*, sp. n.; 12, *Psyllotoxus griseocinctus* Thomson; 13, *P. inexpectatus*, sp. n. Escapo: 14, *Trestoncideres lateralba*, sp. n. Metatibia: 15, *Proplerodia goyana*, sp. n.; 16, *Tulcoides pura*, sp. n.; 19, *Tibiosoma remipes*, sp. n. Antenômeros I-III: 17, *Psyllotoxus inexpectatus*, sp. n.; 18, *P. griseocinctus* Thomson. Cabeça, lateral: 20, *Ischiocentra disjuncta*, sp. n. Escala = 1 mm. Todas as figuras na mesma escala, exceto 14.

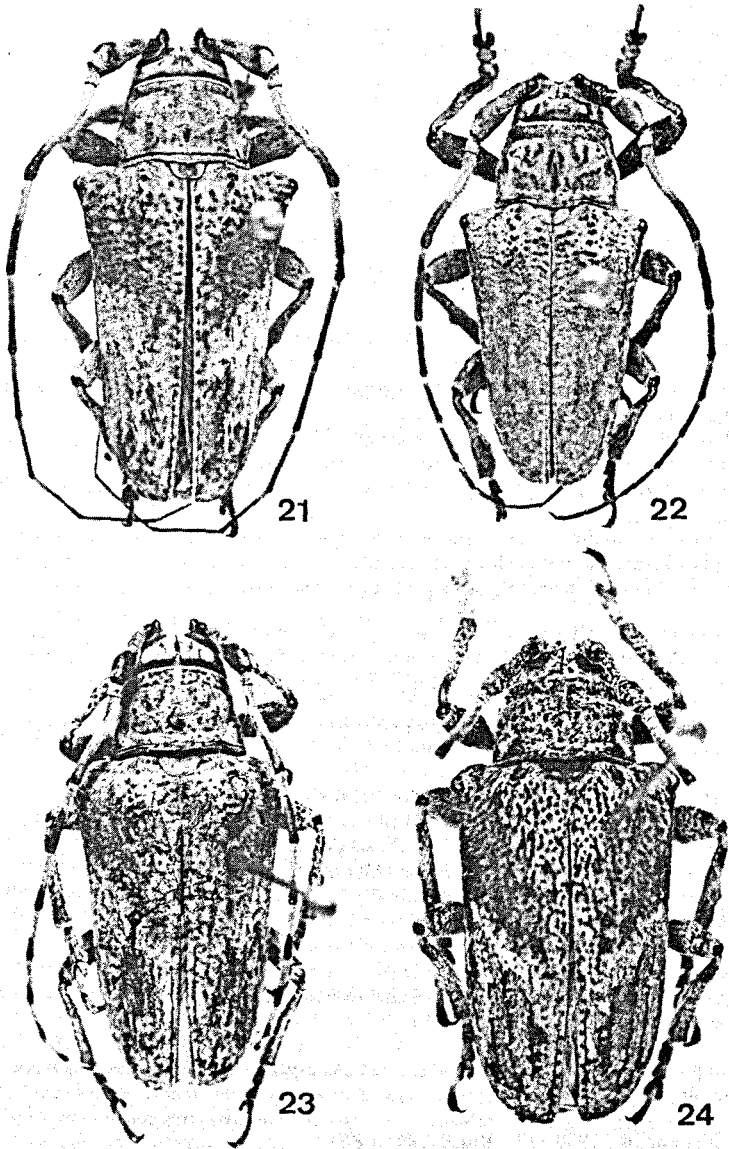


Fig. 21, *Hyspisma renatoi*, sp. n., parátipo ♂; 22, *H. asthenia*, sp. n., holótipo ♂; 23, *H. barbara*, sp. n., holótipo ♀; 24, *Chariodes pigra*, sp. n., holótipo ♀.

com pubescência predominantemente castanha e reflexo acinzentado. Tubérculos anteníferos cônicos. Lobos oculares inferiores largos, tão longos quanto as genas. Escapo clavado. Pronoto com cinco tubérculos, os laterais individualizados. Úmeros oblíquos, com tubérculo prolongado por carena curta, sub-reta. Cristas centro-basais convergentes para a sutura. Procoxas com pequeno tubérculo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 15,6; comprimento do protórax, 3,2; maior largura do protórax, 4,8; comprimento do élitro, 11,3; largura umeral, 7,2.

Material. Brasil. Rondônia: Guajará Mirim (Rio Cabixi, ca. 36 km da foz com Rio Guaporé), 1 ♂, 16.IV.1976, S. A. Vanin col. (MZSP, holótipo).

Hypsioma barbara, sp. n.

(Figs. 2, 23)

♀. Tegumento castanho-avermelhado, mais escuro na cabeça e nos ombros. Pubescência acinzentada, mais acastanhada em algumas áreas dos élitros. Mais da metade basal dos antenômeros III-XI com pubescência esbranquiçada. Região central dos élitros com faixa esbranquiçada, larga, oblíqua e não muito contrastante. Antenas alcançam o sexto apical dos élitros. Escapo moderadamente clavado. Pronoto com cinco tubérculos; central e laterais menos projetados. Tubérculo umeral desenvolvido, seguido por curta carena larga e oblíqua. Cristas centro-basais pouco projetadas, encimadas por tubérculos pequenos e não muito densos; região entre cristas esparsamente pontuada.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 13,4; comprimento do protórax, 2,2; maior largura do protórax, 3,7; comprimento do élitro, 10,0; largura umeral, 6,3.

Material. Brasil. Espírito Santo: Linhares, 1 ♀, XI.1972, P. C. Elias col. (MZSP, holótipo).

Discussão. Próxima de *H. affinis* e *H. inornata*. Difere da primeira principalmente pelas cristas centro-basais não projetadas e da segunda pela escassa pontuação que apresenta entre as cristas e pelos lobos oculares inferiores (♀) largos, tão longos quanto as genas (figs. 2,3).

As espécies de *Hypsioma* podem ser divididas em dois grupos, separáveis pela presença ou ausência de pubescência no primeiro urosternito; após transferências, sinonímias e inclusão das novas espécies acima descritas, o gênero fica assim constituído:

Grupo I. Primeiro urosternito glabro no centro. As espécies separam-se segundo a chave apresentada por Dillon & Dillon (1945:19).

1. *H. aristonía* Dill. & Dill., 1945:47 - Brasil (ES).
2. *H. attalia* Dill. & Dill., 1945:45 - Brasil (RJ).
3. *H. chapadensis* Dill. & Dill., 1945:22 - Brasil (MT), Paraguai.
4. *H. charila* Dill. & Dill., 1945:43 - Brasil (MG a PR).
5. *H. dejeani* Thoms., 1868:47 - Brasil (ES, RJ).
6. *H. gibbera* A.-Serv., 1835:39 - Brasil (MG a RS), Paraguai, Argentina.
7. *H. opalina* Dill. & Dill., 1945:44 - Brasil (RJ).
8. *H. rimosa* Dill. & Dill., 1945:24 - Paraguai.
9. *H. steinbachi* Dill. & Dill., 1945:27 - Brasil (MT, RO), Bolívia.
10. *H. viridis* Gilmour, 1950 - Brasil (SP).

Grupo II. Primeiro urosternito pubescente. As espécies são separáveis pela chave apresentada a seguir.

1. *H. affinis* Thoms., 1860:117 - Brasil (MG a RS).
2. *H. amydon* Dill. & Dill., 1945:36 - Peru, Brasil (AM).
3. *H. asthenia*, sp. n. - Brasil (RO).
4. *H. barbara*, sp. n. - Brasil (ES).

5. *H. basalis* Thoms., 1860:117 - Brasil (RJ).
H. chaseba Dill. & Dill., 1945:30.
6. *H. constellata* Thoms., 1868:48 - Brasil (PA).
7. *H. hezia* Dill. & Dill., 1945:1945:46 - Brasil (ES, RJ), Paraguai, Argentina.
8. *H. inornata* Thoms., 1868:49 - Brasil (SP).
9. *H. lyca* Dill. & Dill., 1945:34 - Equador, Peru, Brasil (AM).
10. *H. nesiope* Dill. & Dill., 1945:33 - Panamá, Colômbia.
11. *H. pylades* Dill. & Dill., 1945:31 - Brasil (BA a SC).
12. *H. renatoi*, sp. n. - Brasil (ES).
13. *H. robusta* Dill. & Dill., 1945:39 - Brasil (PA).
14. *H. sororcula* Mart., 1981:213 - Brasil (MT).

Incertae sedis

1. *H. insularis* Fisher, 1935:199 - Barbados.
2. *H. obscurella* (Bates, 1865:169) - Brasil (PA).
3. *H. parallela* Melzer, 1934:93 - Argentina.

Chave para as espécies do grupo II do gênero *Hypsioma*

1. Pubescência da declividade basal dos élitros amarelada e contrastante com o restante da pubescência da superfície elitral que em geral é acastanhada ou castanho-amarelada. 2
Pubescência uniforme no terço basal dos élitros 10
- 2(1). Tegumento da base do antenômero IV claro, amarelado; (♂: antenas um terço mais longas do que o corpo; procoxa sem gancho unciforme; abdômen com pubescência acinzentada). Peru, Brasil (AM) *amydon* Dill. & Dill.
Antenômero IV com tegumento escuro 3
- 3(2). Lados dos élitros com uma faixa de pilosidade fulva dos úmeros até quase o ápice (♂: antenas atingem o ápice dos élitros na extremidade do antenômero VIII; procoxa com tubérculo robusto; abdômen com pubescência castanha). Panamá, Colômbia. *nesiope* Dill. & Dill.
Ausência de faixa de pilosidade fulva no lado dos élitros 4
- 4(3). Pronoto com duas gibosidades laterais e tubérculo central; (♂: antenas vez e meia mais longa do que o corpo; procoxa fortemente tuberculada; abdômen com pubescência rala; cinza; metatíbias pouco dilatadas). Brasil (norte do Pará) *robusta* Dill. & Dill.
Pronoto com cinco tubérculos, os laterais não fundidos em única gibosidade 5
- 5(4). Élitros destituídos de máculas de pubescência branca; (♂: antenas alcançam os ápices dos élitros na ponta do antenômero IX; procoxa com tubérculo pouco indicado; centro dos urosternitos com pubescência castanha). Brasil (Mato Grosso) *sororcula* Mart.
Élitros com máculas de pilosidade branca 6
- 6(5). Pubescência do meio dos urosternitos II-IV uniformemente esbranquiçada. Equador, Peru, Brasil (AM, RO) *lyca* Dill. & Dill.
Pubescência do centro dos urosternitos II-IV castanha, entremeada por pêlos brancos não muito abundantes 7
- 7(6). Máculas elitrais de pubescência branca circulares, contrastantes; escutelo com faixa central de pubescência castanha. Brasil (PA) *constellata* Thoms.
Pubescência branca dos élitros mais difusa, não forma máculas circulares; escutelo amarelado, unicolor 8
- 8(7). ♂. Antenômero XI mais longo do que o X; antenas longas, atingem a ponta dos élitros no ápice do antenômero VIII; urosternito I com pilosidade esbranquiçada na metade basal; (tubérculos anteníferos pouco projetados). Brasil (RO) *asthenia*, sp.n.
♂. Antenômero XI mais curto do que o X; antenas curtas, atingem o ápice elitral no meio do antenômero X; às vezes urosternito I com pubescência esbranquiçada no processo intercoxal. Brasil meridional 9

- 9(8). ♂. Tubérculos anteníferos apenas projetados. Brasil (Rio de Janeiro).....
 *basalis* Thoms.
- ♂. Tubérculos anteníferos projetados, espiniformes. Brasil (BA a SC).....
 *pylades* Dill. & Dill.
- 10(1). Urosternitos II-IV desprovidos de pubescência, apenas o urostérmito I recoberto por pilosidade; (♂: antenas alcançam o ápice elitral na ponta do antenômero VIII; procoxa com tubérculo unciforme). Brasil (ES, RJ), Paraguai, Argentina (Misiones).....
 *hezia* Dill. & Dill.
- Urosternitos II-IV pubescentes 11
- 11(10). Metade anterior dos élitros com pubescência amarelada fortemente variegada de castanho; faixa central oblíqua densamente branca, pubescência que também ocupa quase toda metade apical dos élitros; tubérculos laterais do pronoto fundidos em gibosidade manifesta; pubescência do centro dos urosternitos predominantemente castanha. Brasil (ES).....
 *renatoi*, sp. n.
- Élitros com colorido mais uniforme, com faixa oblíqua esbranquiçada menos contrastante; abdômen com pubescência acinzentada 12
- 12(11). Crista centro-basal bem projetada; úmeros bem salientes seguidos por carena oblíqua; (♂: antena alcança a ponta do élitro no ápice do antenômero VII). Brasil (MG a RS).....
 *affinis* Thoms.
- Crista centro-basal pouco projetada; úmeros com carena oblíqua pouco notável atrás do tubérculo 13
- 13(12). Região entre as cristas centro-basais com numerosos pontos tuberculados; lobos oculares inferiores (♀) pouco separados na frente (fig. 3); (♂: antenas atingem a ponta dos élitros na extremidade do antenômero VIII). Brasil (SP).....
 *inornata* Thoms.
- Região entre as cristas centro-basais indistintamente pontuada; lobos oculares inferiores (♀) largamente separados na frente (fig. 2). Brasil (ES).....
 *barbara*, sp. n.

Charoides Dillon & Dillon, 1945

Charoides Dillon & Dillon, 1945: 55.

Charoides dimidiata (Bates, 1865), comb. n., revalidada

Hypselomus dimidiatus Bates, 1865: 112; Dillon & Dillon, 1945: 64 (*in syn.*); Martins, 1979: 148 (*in syn.*).

Hypsioma dimidiata; Bates, 1865: 170.

Espécie considerada erroneamente por Dillon & Dillon (1945: 64) como sinônima de *C. cruda* (Erichson, 1847) e de *C. subfasciata* (Thomson, 1860). Martins (1979) à luz do exame do tipo de Erichson, revalidou *C. subfasciata* mantendo, contudo, *Hypselomus dimidiatus* na sinônímia. Verificamos agora, com base no exame do diapositivo de um cótipo (MNHN) de *H. dimidiatus*, que esta espécie é completamente diferente de *C. subfasciata* e deve, portanto, ser revalidada.

C. dimidiata apresenta a pubescência escura dos antenômeros entremeada por máculas de pubescência clara, caráter ocorrente entre as espécies do gênero cujo protórax tem tubérculo lateral; padrão de colorido elitral característico, com a metade posterior predominantemente amarelo-sujo, provida de faixas longitudinais de pilosidade castanha.

Charoides pigra, sp. n.

(Fig. 24)

♀. Frente recoberta por pubescência predominantemente esbranquiçada. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Escapo com pilosidade amarelada, densamente maculado por pubescência castanha. Antenômero III com apenas o oitavo apical escurecido; os sete oitavos

basais com pilosidade amarelada, densamente maculada por pequenas pintas castanhas. Protórax branco-amarelado com pontos castanhos; tubérculo lateral ausente; uma gibosidade desenvolvida a cada lado do pronoto; processo prosternal sem quilha transversal. Élitros densamente pontuados na metade basal; região centro-basal com pubescência esbranquiçada; regiões dorso-antelaterais com pubescência amarelada entremeadada de castanho; faixa branca central, oblíqua, muito nítida; metade apical esbranquiçada ao lado da sutura, amarelo-alaranjada para os lados, com três riscos longitudinais castanhos. Fêmures e face ventral amarelados, densamente pontuados de castanho.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 12,6; comprimento do protórax, 2,4; maior largura do protórax, 3,6; comprimento do élitro, 9,5; largura umeral, 6,0.

Material. Bolívia. Santa Cruz: Santa Cruz (500 m), 1 ♀, II.1961, Zichka col. (MZSP, holótipo).

Discussão. Insere-se no grupo de espécies destituídas de tubérculo nos lados do protórax e processo prosternal não elevado transversalmente entre as coxas. Pela presença de pontos castanhos na face ventral do corpo está mais próxima de *C. lycimnia*, mas difere amplamente pelo colorido do antenômero III, pela presença de riscos longitudinais escuros na metade apical dos élitros, pelos fêmures e tíbias pontuados de castanho e pelo abdômen com larga faixa central castanha.

Charoides signaticornis (Thomson, 1868)

Hypsioma signaticornis Thomson, 1868: 48.

Charoides signaticornis; Dillon & Dillon, 1952: 62.

Esta espécie constitui com *C. picticornis* (Bates), *C. antennata antennata* Dillon & Dillon e *C. antennata sodalis* Dillon & Dillon, grupo de formas amazônicas de difícil separação.

Dillon & Dillon (1945: 56) interpretaram erroneamente *C. picticornis* em sua chave, ao considerarem o antenômero III com tegumento inteiramente escuro. Constatamos, pelo exame do diapositivo do holótipo (MNHN), que o antenômero III é nitidamente anelado, em todo terço basal, por tegumento amarelado. Os mesmos autores reafirmam que o antenômero III é inteiramente escuro nos comentários iniciais sobre *C. picticornis* (l.c.: 76), e anos mais tarde (1952: 62), ao revalidarem *C. signaticornis*, consideraram *C. picticornis*, *sensu* Dillon & Dillon (1945) *non* Bates, na sua sinonímia "ex parte", o que é incompreensível, já que agora, o antenômero III apresenta "basal two-fifths pale". Realmente, em *C. signaticornis*, cujo diapositivo do tipo também temos em mãos (MNHN), a base do antenômero III é pálida. Assim, não é possível sabermos o que Dillon & Dillon interpretaram como *C. picticornis*.

Quanto a *Charoides a. antennata* e *C. a. sodalis*, figuram na chave (Dillon & Dillon, 1945: 56), quer dentre as espécies com processo prosternal quilhado, quer dentre aquelas com processo prosternal simples. Contudo, ao descreverem *C. a. antennata* (l.c.: 72) os autores são taxativos: "Prosternum simple". Acreditamos, portanto, que o processo prosternal seja destituído de quilha em *C. a. antennata*, bem como em *C. a. sodalis*, que difere de *C. a. antennata* pela coloração da pubescência.

No exemplar que examinamos proveniente de Santarém, PA (MZ-SP), e que concorda muito bem com o diapositivo do holótipo de *C. a. antennata*, o prosterno é simples. Este mesmo indivíduo concorda com o diapositivo do tipo de *C. signaticornis* (MNHN), onde a faixa elitral clara também é quase inaparente.

Somos forçados a concluir que, muito provavelmente, *C. a. antennata* é sinônima de *C. signaticornis* e não formalizamos esta sinonímia porque nosso material é diminuto e porque não podemos examinar a face ventral com base em diapositivos. Estas mesmas limitações inviabilizam nossas conclusões sobre o status de *C. picticornis* e de *C. antennata sodalis*.

Elenco e grupos de espécies de *Charoides*

1. Protórax com tubérculo lateral

- 1.1. Tegumento do antenômero III unicolor
 - C. hebes* Dill. & Dill., 1945: 59 - Peru
 - C. pagana* (Pasc., 1859: 35) - Colômbia, Peru, Brasil (AM), Bolívia.
- 1.2. Tegumento do antenômero III bicolor
 - C. dimidiata* (Bates, 1865: 112) - Brasil (AM)
 - C. fulvocincta* Dill. & Dill., 1945: 74 - Panamá, Colômbia.
 - C. litura* Dill. & Dill., 1945: 62 - Bolívia.
 - C. subfasciata* (Thoms., 1860: 118) - Guiana Francêsa.
2. Protórax sem tubérculo lateral
 - 2.1. Tegumento do antenômero III unicolor
 - C. obliquefasciata* Dill. & Dill., 1952: 61 - Brasil (AM).
 - 2.2. Tegumento do antenômero III bicolor
 - 2.2.1. Processo prosternal simples, não modificado.
 - C. a. antennata* Dill. & Dill., 1945: 71 - Guiana Francêsa, Brasil (PA).
 - C. a. sodalis* Dill. & Dill., 1945: 72 - Peru, Brasil (PA).
 - C. distincta* Dill. & Dill., 1945: 77 - Brasil (AM).
 - C. lycimnia* Dill. & Dill., 1945: 72 - México a Panamá, Trinidad, Venezuela.
 - C. picticornis* (Bates, 1865: 111) - Brasil (AM).
 - C. pigra*, sp. n. - Bolívia.
 - C. signaticornis* (Thoms., 1868: 48) - Brasil.
 - C. tigrinata* (Thoms., 1868: 49) - Guiana Francêsa.
 - 2.2.2. Processo prosternal com quilha transversal
 - C. cruda* (Erichs., 1847: 148) - Peru.
 - = *C. subcostata* Dill. & Dill., 1945: 61.
 - C. pallida* Dill. & Dill., 1945: 69 - Panamá, Colômbia, Brasil (AM).
 - C. pulla* Dill. & Dill., 1945: 65 - Peru.
 - C. soma* Dill. & Dill., 1945: 67 - Peru.
 - C. thysbe* Dill. & Dill., 1945: 68 - Costa Rica, Panamá, Equador.

Tulcoides, gen. n.

Fronte alongada. Lobos oculares inferiores mais curtos do que as genas. Tubérculos anteníferos distantes, cônicos (♂). Escapo robusto, clavado. Antenômero III bissinuoso. Antenas (♂) com vez e meia o comprimento do corpo. Protórax tronco-cônico, sem tubérculo lateral. Pronoto com duas gibosidades laterais desenvolvidas. Úmeros oblíquos, prolongados em curta carena também oblíqua. Élitros com pontuação simples, sem crista centro-basal. Procoxa (♂) com tubérculo unciforme. Meso- e metatíbias (fig. 16) engrossadas; estas ligeiramente aprofundadas em toda a extensão. Tegumento dos tarsômeros V unicolor.

Espécie-tipo, *Tulcoides pura*, sp. n.

Discussão. Este conjunto de caracteres aproxima *Tulcoides* de *Agaritha*, *Charoides* e *Lydipta*. Separa-se de *Agaritha* pelos úmeros não prolongados em tubérculo cônico desenvolvido; de *Charoides* e de *Lydipta* pelo tegumento unicolor dos tarsômeros V.

O novo gênero relaciona-se também com *Bucoides* e *Tulcus*; difere deste, que não conhecemos, pelos lobos oculares curtos, menores do que as genas; daquele separa-se pelo escapo clavado, pelas metatíbias (♂) sulcadas, pelas procoxas com unco e pela disposição das gibosidades pronotais.

Tulcoides pura, sp. n.

(Figs. 16, 25)

♂. Tegumento castanho-avermelhado; metade basal dos antenômeros IV-XI com tegumento

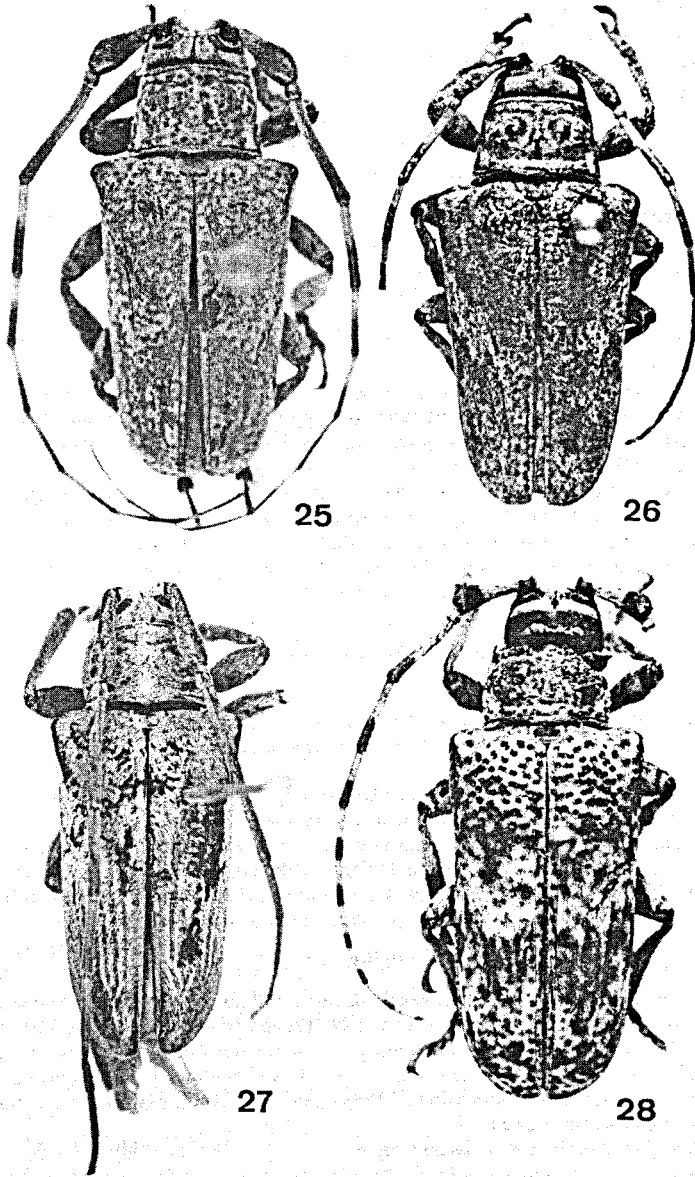


Fig. 25, *Tulcoides pura*, sp. n., holótipo ♂; 26, *Bucoides exotica*, sp. n., holótipo ♀; 27, *Proplerodia goyana*, sp. n., holótipo ♂; 28, *Prohylus phantasma*, sp. n., holótipo ♀.

pálido. Pubescência cinza-acastanhada, variegada, com uma concentração um pouco maior de pubescência branca ao nível do meio dos élitros. Face ventral com pubescência esbranquiçada, pouco mais concentrada nos lados dos urosternitos.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,2; comprimento do protórax, 2,3; maior largura do protórax, 3,5; comprimento do élitro, 8,8; largura umeral, 5,4.

Material. Brasil. Espírito Santo: Linhares (Parque Sooretama), 1 ♂, 27.XI.1967, F. Oliveira col. (DZUP, holótipo).

Bucoides exotica, sp. n.

(Fig. 26)

♀. Tegumento castanho-avermelhado; metade basal dos antenômeros III-IX com tegumento alaranjado. Pubescência de maneira geral acastanhada, quase uniforme; região central dos élitros com faixa esbranquiçada, irregular, pouco evidente. Lobos oculares inferiores apenas mais curtos do que as genas. Clava do escapo pouco acentuada. Antenas alcançam o terço apical dos élitros. Pronoto com duas gibosidades laterais e tubérculo central longitudinal. Escutelo entalhado no ápice. Úmeros-oblíquos, não prolongados em carena, mas com curto prolongamento posterior oblíquo. Abdômen pubescente.

Dimensões, em mm. ♀. Comprimento total, 16,1-17,5; comprimento do protórax, 2,9-2,8; maior largura do protórax, 4,4-4,9; comprimento do élitro, 11,9-13,1; largura umeral, 7,0-7,2.

Material. Brasil. Rio de Janeiro: Nova Friburgo, 1 ♀ (MNHU, holótipo); 1 ♀ sem dados de procedência (MZSP, parátipo).

Discussão. O aspecto geral desta espécie lembra muito o das espécies de *Charoides*, contudo, os tarsômeros V não são pálidos nas bases. A frente com lados subparalelos e o escapo não fortemente clavado aproximam esta espécie de *Bucoides* onde fica descrita provisoriamente. *Bucoides* é monotípico (*B. erichsoni* Martins, 1979) e a nova espécie difere pelo tegumento bicolor dos antenômeros, escapo esbelto e escutelo entalhado na ponta.

Lydipta senicula (Bates, 1865), comb. n.

Hypselomus seniculus Bates, 1865:167.

Hypsioma senicula; Bates, 1865:170.

Euthima nerissa Dillon & Dillon, 1945:108, est. 5, fig. 3, *syn.n.*

Não pudemos identificar a espécie que Dillon & Dillon (1945:113, est. 5, fig. 9), interpretaram como a espécie de Bates sob a denominação de *Lampedusa senicula*.

O exame do diapositivo de holótipo de *H. seniculus* (MNHN), indica que a espécie pertence a *Lydipta* e é a mesma espécie que Dillon & Dillon descreveram como *Euthima nerissa*.

Material. Brasil. Pará: Jacareacanga, 1 ♂, VI.1970, F. R. Barbosa col. (MZSP).

Prohylus, gen. n.

Fronte mais longa do que larga. Lobos oculares inferiores mais curtos do que as genas. Tubérculos anteníferos próximos mas não contíguos. Escapo clavado. Antenômero III quase reto, suavemente bisinuoso. Antenas (♀) não atingem o ápice dos élitros. Protórax sem tubérculo lateral, subcilíndrico. Pronoto com duas gibosidades dorso-anteriores pouco projetadas. Úmeros subortogonais, sem tubérculo, sem carena. Terço anterior dos élitros profunda e densamente pontuado, sem crista centro-basal.

Espécie-tipo, *Prohylus phanhasma*, sp. n.

Discussão. A pontuação elitral profunda e densa no terço anterior sugere proximidade com *Hylus*. O novo gênero difere consideravelmente pelos lobos oculares inferiores (fig. 5,6) muito menores e muito mais estreitos; pelo protórax subcilíndrico; pelas gibosidades pronotais e pelo antenômero III sub-reto.

***Prohylus phanthesma*, sp. n.**

(Fig. 5, 28)

♀. Tegumento castanho-escuro, mais avermelhado na metade basal dos antenômeros IV-XI e nos últimos tarsômeros. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. Ápice do escapo e dos antenômeros III-XI pretos. Gibosidades e lados do pronoto acastanhados. Élitros com faixa branca, transversal, irregular, no meio e terço apical branco, variegado de castanho; região posterior à faixa branca mais acastanhada, irregular. Face ventral branco-amarelada. Último urosternito com mancha triangular acastanhada central que emite um ramo castanho para cada lado. Gibosidades pronotais pontuadas, enrugadas. Pontos elitrais não organizados em fileiras.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 19,0; comprimento do protórax, 3,2; maior largura do protórax, 4,8; comprimento do élitro, 14,4; largura umeral, 7,2.

Material. Brasil. Pará: Altamira (Rio Xingu), 1 ♀, XII.1962, Dirings (MZSP, holótipo).

***Proplerodia*, gen. n.**

Fronte alongada. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Tubérculos anteníferos (♂) não projetados, distantes. Antenas (♂) atingem a ponta dos élitros na extremidade do antenômero VII. Escapo alongado, quase alcança a borda posterior do pronoto, com clava esbelta. Antenômero III reto. Protórax cilíndrico, abaulado aos lados, sem tubérculo lateral. Gibosidades pronotais pouco manifestas. Processo prosternal com elevação transversal pouco pronunciada. Úmeros levemente curvos, sem tubérculo, prolongados posteriormente em carena curta; pontuação elitral simples; crista centro-basal ausente. Procoxa com pequeno tubérculo unciforme. Meso e metatíbias intumescidas, com sulco longitudinal estreito (fig. 15).

Espécie-tipo, *Proplerodia goyana*, sp. n.

Discussão. Este conjunto de caracteres, pela chave de Dillon & Dillon (1945), aproxima *Proplerodia* de *Ischioderes* (pelo antenômero III reto e pelos antenômeros V-VII mais longos do que o IV). Entretanto, os dois gêneros são muito diversos na escultura pronotal (com rugosidades transversais em *Ischioderes*); forma do escapo (clavado em *Ischioderes*); meso- e metatíbias dos machos (não intumescidas em *Ischioderes*).

A presença de carena umeral curta sugere alguma afinidade entre *Proplerodia* e *Lampe-dusa*, *Furona*, *Plerodia*, *Euthima* e *Alexera*, que apresentam o antenômero III bissinuoso e as tíbias posteriores dos machos não sulcadas.

***Proplerodia goyana*, sp. n.**

(Fig. 15, 27)

♂. Tegumento avermelhado-escuro. Pubescência de maneira geral amarelo-clara; da metade apical dos élitros ao nível do quarto apical, organizada em faixas estreitas e longitudinais. Face ventral amarelo-clara.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,5; comprimento do protórax, 2,6; maior largura do protórax, 3,3; comprimento do élitro, 9,4; largura umeral, 5,0.

Material. Brasil. Goiás: Jataí, 1 ♂, Rolle V. col. (MNHU, holótipo).

***Euthima* Dillon & Dillon, 1945**

Euthima Dillon & Dillon, 1945:106.

Euthima variegata (Aurivillius, 1921), comb. n.

Plerodia variegata Aurivillius, 1921: 50, est. 2, fig. 7; Dillon & Dillon, 1945: 104.

O exame do diapositivo do holótipo, depositado no Museu de Estocolmo, permitiu situar a espécie mais apropriadamente em *Euthima*; é semelhante a *E. wendtae* Martins (1979: 151, fig. 7) também conhecida do Peru, mas separa-se pela pontuação da metade anterior dos élitros que é muito menos densa.

O gênero *Euthima* fica então assim constituído:

E. araujo Mart., 1979: 151 - Brasil (SP).

E. rodens (Bates, 1865: 112) - Equador, Peru, Guiana Francêsa, Brasil (AM, PA, RO), Bolívia.

= *E. rodens ceres* Dill. & Dill., 1945: 108.

E. variegata (Auriv., 1921: 50) - Peru.

E. wendtae Mart., 1979: 151 - Peru.

Sternycha Dillon & Dillon, 1945

Sternycha Dillon & Dillon, 1945: 121.

Este gênero caracteriza-se pela presença de tubérculo no mesosterno. Nas espécies da América do Sul os élitros têm mácula dorsal de pubescência branca ao nível do meio.

Chave para as espécies sul-americanas de *Sternycha*

1. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas; tubérculo mesosternal (fig. 7) muito desenvolvido, com ápice voltado para o processo prosternal; (este processo com carena transversal). Bolívia *clivosa*, sp. n.
Lobos oculares inferiores com ca. dobro de comprimento das genas; tubérculo mesosternal (fig. 8) arredondado no topo 2
- 2(1). Processo prosternal com carena transversal; élitros com pubescência amarelada ao longo de toda sutura; úmeros oblíquos. Brasil (PA). *sternalis* Dillon & Dillon
Processo prosternal sem carena transversal; pubescência elitral uniformemente acastanhada; úmeros quadrangulares. Brasil (RO, SP) *diasi*, sp. n.

Sternycha clivosa, sp. n.

(Fig. 7)

♀ ? Tegumento vermelho-acastanhado; branco-amarelado na base dos antenômeros V-XI. Pubescência castanho-clara; pubescência castanho-escura: na metade látero-anterior dos élitros; em faixas longitudinais na metade apical. Mácula de pubescência branca sobre a declividade lateral dos élitros um pouco atrás do meio. Urosternitos I-IV com máculas laterais de pubescência clara. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Antenas atingem o ápice do élitro no meio do antenômero X. Antenômero III (2,1 mm) mais longo do que o IV (1,5 mm). Protórax com ligeira projeção lateral ao nível do terço posterior. Gibosidades laterais do pronoto grandes, apenas indicadas. Processo prosternal nitidamente carenado transversalmente. Tubérculo mesosternal muito desenvolvido, com ápice voltado para o processo prosternal. Úmeros arredondados e pouco oblíquos.

Dimensões, em mm, ♀ ? Comprimento total, 9,7; comprimento do protórax, 1,7; maior largura do protórax, 2,6; comprimento do élitro, 7,2; largura umeral, 3,7.

Material. Bolívia. Província del Sara, 1 (♀ ?), XII.1912, Steinbach col., Acc. nº 5043 (ICCM, holótipo).

Discussão. *S. clivosa* separa-se das espécies centro-americanas do gênero (*S. approximata* Dill. & Dill. e *S. paupera* (Bates), bem como de *S. diasi*, pela presença de carena transversal no processo prosternal, caráter que a aproxima de *S. sternalis*. Difere desta espécie pelos lobos oculares inferiores curtos, pelo aspecto do tubérculo mesosternal que é muito desenvolvido e pelo padrão de colorido dos élitros.

***Sternycha diasi*, sp. n.**

(Fig. 29)

♀? Tegumento acastanhado, branco-amarelado na base dos antenômeros V-XI. Pubescência de maneira geral castanho-clara, ligeiramente mais amarelada na face ventral. Cada élitro com uma mácula de pubescência branca, arredondada, sobre a declividade lateral e logo atrás do meio. Lobos oculares inferiores mais longos do que as genas. Antenas atingem o ápice elitral na ponta do antenômero IX. Antenômero III (2,2 mm) mais longo do que o IV (1,6 mm). Lados do protórax apenas intumescidos ao nível do terço basal. Gibosidades pronotais como em *S. clivosa*. Processo prosternal sem quilha transversal. Tubérculo mesosternal pequeno, arredondado. Úmeros transversais.

Dimensões, em mm, ♀? Comprimento total, 10,3; comprimento do protórax, 1,9; maior largura do protórax, 2,7; comprimento do élitro, 7,7; largura umeral, 3,8.

Material. Brasil. Rondônia: Ouro Preto d'Oeste, 2 (♀?), 2.XI.1987, C. Elias col., Projeto Polonoroeste (DZUP). São Paulo: São Carlos, 1 (♀?), 3.II.1976, M. M. Dias col. (MZSP, holótipo).

Discussão. O padrão de colorido e a ausência de carena prosternal aproximam *S. diasi* de *S. approximata*, originalmente descrita da Costa Rica. Em *S. diasi* contudo, os úmeros não apresentam tubérculo, o antenômero IV tem pubescência unicolor e os élitros não apresentam manchas castanhas laterais.

O nome específico é uma homenagem a Manoel Martins Dias Filho coletor do holótipo.

***Glyphthaga* Thomson, 1868**

Glyphthaga Thomson, 1868: 64; Lacordaire, 1872: 673; Bates, 1885: 366; Dillon & Dillon, 1945: 125.

Espécie-tipo, *G. lignosa* Thomson, 1868 (monotipia).

Gênero muito próximo de *Hesycha* cuja espécie-tipo é *H. cribripennis* Fairm. & Germ., descrita do Chile, e que não conhecemos.

Ao tempo de Thomson (1868), *Glyphthaga* só continha a espécie-tipo; a outra espécie já descrita, *G. xylina* (Bates, 1865), era desconhecida por Thomson (1868: 58) e foi por ele citada entre as *Ischiocentra*.

O caráter mais conspícuo para separar os machos de *Glyphthaga* dos de *Hesycha*, segundo as descrições de Thomson, é a presença de gancho na procoxa de *Glyphthaga* e ausência dele em *Hesycha*.

Em *Hesycha*, além da espécie-tipo, da qual Thomson só conheceu o holótipo ♀, foram incluídas: *H. consimilis* Thoms., *H. maculicornis* Thoms., *H. lateralis* Thoms., e *H. paupercula* Thoms.

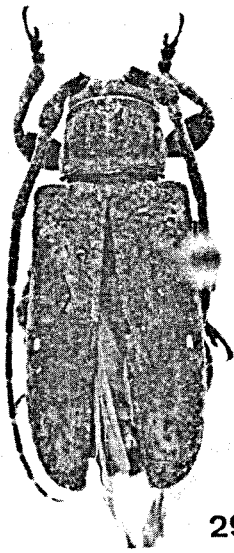
Na revisão de Dillon & Dillon (1945: 125), *Glyphthaga* difere de *Hesycha*: corpo mais atenuado posteriormente; antenômeros III e IV, principalmente nos machos, mais robustos; processo mesosternal com ápice rombo; disco pronotal menos intumescido; lobo ocular inferior muito maior e oblongo.

Na realidade, Dillon & Dillon conheceram em *Hesycha* apenas *H. variabilis* Dill. & Dill. Não examinaram: *H. consimilis*, *H. lateralis*, *H. maculicornis* e *H. cribripennis*; além disso, interpretaram erroneamente *H. paupercula*.

Ao colocarmos lado a lado machos de *G. lignosa* e de *H. variabilis*, o único caráter para separá-los dentre os mencionados acima, é o comprimento do lobo ocular inferior, mais longo do que a gena em *G. lignosa* e mais curto do que ela em *H. variabilis*.

Os mesmos autores, anos mais tarde publicaram (1952):

(1) *Hesycha paupercula* Thoms., foi transferida para *Glyphthaga*: (2) *H. lateralis* Thoms., foi considerada sinônima de *Lampedusa obliquator* (Fabricius); (3) *H. cribripennis* Fairm. & Germ., foi redescrita; (4) *H. crucifera* foi descrita (e na realidade, é *H. paupercula* Dill. & Dill., 1945 non Thomson, 1868).



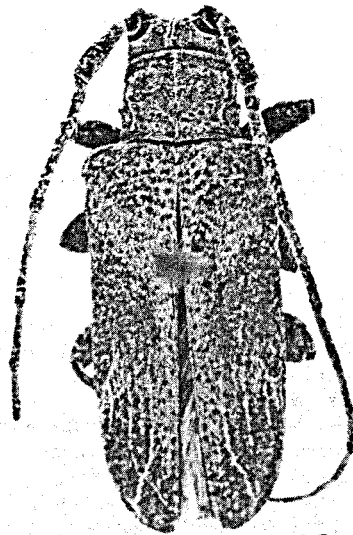
29



30



31



32

Fig. 29, *Sternycha diasi*, sp. n., holótipo (♀?); 30, *Glyphthaga vicina*, sp. n., holótipo ♂; 31, *G. unicolor*, sp. n., holótipo ♂; 32, *G. mucorea*, sp. n., parátipo ♀.

Hoje, ao estudarmos os dois gêneros, encontramos-os assim constituídos:

Glypthaga - *G. lignosa* Thoms., *G. xylina* (Bates) e *G. paupercula* (Thoms.).

Hesyca - *H. cribripennis* Fairm. & Germ., *H. consimilis* Thoms., *H. maculicornis* Thoms., *H. variabilis* Dill. & Dill. e *H. crucifera* Dill & Dill.

Com exceção de *H. crucifera*, temos em mãos os diapositivos dos tipos de todas as espécies, o que nos faculta apresentar algumas modificações nos dois gêneros.

Glypthaga lignosa Thomson, 1868

Glypthaga lignosa Thomson, 1868: 55; Lacordaire, 1872: 673; Dillon & Dillon, 1945: 126, est. 5, fig. 12.

O holótipo é um macho (MNHN). A espécie caracteriza-se pelo padrão de colorido dos élitros: faixa castanha sutural larga na base, maculada por pequenas manchas amareladas; região epipleural com estreita faixa castanha, invisível dorsalmente; lobos oculares inferiores (♂) tão longos quanto as genas.

O material examinado é proveniente de Brasil. Minas Gerais: Viçosa. Rio de Janeiro: Angra dos Reis. São Paulo: São José dos Campos, São Paulo (Jabaquara, Saúde), São Sebastião (Ilha dos Búzios). Santa Catarina: Blumenau, Timbó.

Glypthaga paupercula (Thomson, 1868)

Hesyca paupercula Thomson, 1868: 62.

Glypthaga paupercula; Dillon & Dillon, 1952: 64.

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado, mais amarelado nos antenômeros distais. Fronte com pubescência acastanhada; lados da cabeça amarelados. Protórax castanho-amarelado no disco, amarelado nos lados, castanho-escuro nos epimeros. Élitros predominantemente amarelados; faixa castanha, estreita, longitudinal, sem máculas interiores, da base ao meio; faixa lateral castanha larga (visível do dorso), da base ao ápice, contendo pequena mácula esbranquiçada na declividade lateral pouco atrás do meio. Mesepimeros e mesepisternos castanho-escuros. Abdômen variegado de castanho e branco-amarelado. Pernas castanho-acinzentadas. Tubérculos anteníferos projetados. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Antenas atingem o ápice elitral na ponta do antenômero VIII. Úmeros sem tubérculo. Procoxa sem tubérculo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 11,6; comprimento do protórax, 2,1; maior largura do protórax, 2,9; comprimento do élitro, 8,6; largura umeral, 4,2.

Material. Examinamos um macho sem procedência (MNHU).

O holótipo ♂, cujo diapositivo examinamos (MNHN) foi descrito do Brasil. Dillon & Dillon (1952: 65) assinalaram a espécie como ocorrente em Rio Verde, Goiás, Brasil.

Discussão. O padrão de colorido de *G. paupercula* aproxima-a mais de *G. lignosa*, mas a faixa castanha sutural dos élitros é mais estreita e não tem máculas entremeadas; a faixa lateral é muito mais larga, visível de cima e inclui mácula branca na declividade; tubérculos anteníferos muito menos projetados; antenas curtas; proepimeros, mesepimeros e mesepisternos densa e uniformemente castanho-escuros; úmeros sem tubérculo.

Glypthaga xylina (Bates, 1865)

Hesyca xylina Bates, 1865: 172, nota.

Ischiocentra xylina; Thomson, 1868: 58.

Glypthaga xylina; Dillon & Dillon, 1945: 128, est. 5, fig. 13.

Hesyca maculicornis Thomson, 1868: 63, *syn. n.*

O holótipo de *H. maculicornis*, cujo diapositivo temos em mãos (MNHN), tem a pubescência bastante danificada, contudo, nos permite propor a sinonímia acima.

Glyphthaga vicina, sp. n.

(Fig. 30)

Assemelha-se superficialmente a *G. xylinea* pelo padrão de colorido. Difere: pelos tubérculos anteníferos (♂) muito projetados; pelos sulcos látero-basais do pronoto marcados, profundos; pelo colorido dos élitros que apresenta faixa castanha, estreita, da base ao ápice; faixa longitudinal dorsal branca; mácula da declividade lateral mais longa.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂ e ♀. Comprimento total, 9,6-13,1 e 11,1-12,4; comprimento do protórax, 1,7-2,4 e 1,9-2,2; maior largura do protórax, 2,0-3,1 e 2,4-2,7; comprimento do élitro, 7,2-9,9 e 8,2-9,4; largura umeral, 3,3-4,7 e 3,8-4,5.

Material. Brasil. Rio de Janeiro: Itatiaia (700 m), 1 ♂, 11.X.1928, J. F. Zikán col. (MZSP); Nova Friburgo, 1 ♂, II-IV. 1903, E. Gounelle col. (MZSP). São Paulo: São Paulo (Pinheiros), 1 ♂, 23.I.1921 (MZSP); (Saúde), 1 ♂, 22.I.1915, J. Melzer col. (MZSP); 2 ♂, 31.I.1915, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♂, 13.III.1915, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♂, 28.XI.1915, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♂, 10.XII.1915, J. Melzer col. (MZSP); 2 ♂, 1 ♀, 1.XI.1916, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♀, 15.XI.1916, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♂, 31.XII.1916, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♂, 24.XI.1916, J. Melzer col. (MZSP); 1 ♀, 1.1921, J. Melzer col. (MZSP); São Sebastião (Ilha da Vitória), 1 ♂, 29.III - 8.IV.1965, Exp. Dep. Zool. col. (MZSP). Santa Catarina: Corupá (ex-Hansa Humboldt), 1 ♂, 1 ♀, 1.1933, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, 1 ♂, III.1959, Dirings (MZSP). Holótipo ♂ (São Paulo, Saúde), 15 parátipos ♂ e 4 parátipos ♀ no MZSP.

Glyphthaga unicolor, sp. n.

(Fig. 31)

♂. Tegumento avermelhado, mais claro nas bases dos antenômeros. Pubescência uniformemente amarelada, tanto na face dorsal quanto na ventral. Tubérculos anteníferos projetados. Antenas atingem o ápice elitral na ponta do antenômero VII. Lobos inferiores dos olhos (0,7 mm) mais longos do que as genas (0,5 mm). Procoxa sem tubérculo. Tubérculo umeral pouco projetado.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 11,1; comprimento do protórax, 1,9; maior largura do protórax, 2,4; comprimento do élitro, 8,4; largura umeral, 4,0.

Material. Brasil. Rio Grande do Sul: Lageado Grande, 1 ♂, 1.1941 (MZSP, holótipo).

Discussão. Distingue-se imediatamente das outras espécies pela pubescência uniformemente amarelada.

Glyphthaga mucorea, sp. n.

(Fig. 32)

♂. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência de maneira geral cinza-acastanhada; regiões látero-centrais e terço apical dos élitros com pilosidade castanha; quarto apical com linhas estreitas, longitudinais, irregulares, muito características, de pilosidade cinza; sobre os úmeros, faixa estreita de pilosidade esbranquiçada. Fronte ampla. Lobos oculares inferiores estreitos, tão longos quanto as genas. Tubérculos anteníferos muito projetados. Antenas atingem o ápice elitral no meio do antenômero VII. Procoxas com pequeno tubérculo. Úmeros com tubérculo pouco desenvolvido.

♀. Antenas atingem o ápice dos élitros.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂ e ♀. Comprimento total, 12,2 e 10,9-12,2; comprimento do protórax, 2,2 e 1,7-2,1; maior largura do protórax, 2,8 e 2,2-2,7; comprimento do élitro, 8,7 e 7,7-9,2; largura umeral, 4,2 e 3,4-4,4.

Material. Brasil. Pernambuco: Tapera, 1 ♂, VI.1928, B. Pickel col. (MZSP). Bahia: 1 ♂ (MZSP, holótipo); Vila Nova, 1 ♀, E. Garbe col. (MZSP).

Discussão. Esta espécie é característica pelas linhas muito estreitas de pilosidade branca no quarto apical dos élitros.

Hesycha Fairmaire & Germain, 1859

Hesycha Fairmaire & Germain, 1859: 523; Thomson, 1864: 392; 1868: 171; Lacordaire, 1872: 675; Dillon & Dillon, 1945: 129.

As espécies deste gênero que apresentam lobos oculares inferiores alongados poderiam ser perfeitamente incluídas em *Glyphthaga* (vide comentários sob este título). Até que possamos examinar *H. cribripennis*, espécie-tipo de *Hesycha*, conhecida apenas do Chile, abstermo-nos de propor sinonímia e colocamos sob este título as espécies com aspecto geral mais compacto.

Além da espécie-tipo, todas as demais ocorrem no Brasil e são separáveis pela chave abaixo.

Chave para as espécies de *Hesycha* ocorrentes no Brasil

1. Lobos oculares inferiores mais curtos do que as genas 2
1. Lobos oculares inferiores (fig. 1) tão ou mais longos do que as genas. 4
- 2(1). Úmeros fortemente projetados; élitros acentuadamente estreitados para o ápice. Brasil (SP a RS), Paraguai, Argentina (Misiones) *variabilis* Dill. & Dill.
2. Úmeros não projetados; aspecto geral mais paralelo 3
- 3(2). Declividade lateral dos élitros com mácula nítida de pubescência branca (fig. 34); dimensões maiores (comprimento total, 9,8 mm). Brasil (ES) *bimaculata*, sp. n.
3. Declividade lateral dos élitros sem mácula (fig. 35); dimensões menores (comprimento total, 7,1-9,5 mm). Brasil (MG a SC) *microphthalmia*, sp. n.
- 4(1). Tegumento do antenômero III pálido na metade ou no terço basal 5
4. Tegumento do antenômero III escuro, unicolor 7
- 5(4). Pontuação do terço basal dos élitros muito nítida, profunda, bem concentrada atrás do tubérculo umeral; escapo com clava evidente. Brasil (MS) *clavata*, sp. n.
5. Pontuação do terço basal dos élitros pouco ou menos demarcada, sem concentração de pontos atrás do tubérculo umeral; escapo gradualmente engrossado para o ápice 6
- 6(5). Lobos oculares inferiores (fig. 1) desenvolvidos, com ca. dobro do comprimento da gena; ombro sem tubérculo; áreas castanhas dos élitros (fig. 33) menos ou não contrastantes. Brasil (MG, ES, SP), Argentina (Misiones) *ocellifera*, sp. n.
6. Lobos oculares inferiores (fig. 4) tão longos quanto as genas; ombros com tubérculo; áreas castanhas dos élitros mais nítidas. Brasil (MG, RJ, SP). *consimilis* Thoms.
- 7(4). Élitros (fig. 37) com faixa larga, transversal, de pubescência branca no terço anterior; (antenômero IV com tegumento pálido na base). Brasil (ES) *fasciata*, sp. n.
7. Pubescência elitral quase uniforme, sem faixas brancas 8
- 8(7). Pubescência corporal inteiramente acastanhada, com mácula branca na declividade lateral dos élitros (fig. 36); comprimento total, 10 mm. Brasil (MG) *simplex*, sp. n.
8. Superfície elitral sem manchas, com pilosidade fulvo-acastanhada; comprimento, 8 mm. (Dados extraídos da descrição original). Brasil (RJ) *crucifera* Dill. & Dill.

Hesycha consimilis Thomson, 1868

(Fig. 4)

Hesycha consimilis Thomson, 1868: 63; Dillon & Dillon, 1945: 133.

Lobos oculares inferiores (fig. 4) tão longos quanto as genas e metade ou dois terços basais do antenômero III com tegumento claro, caracterizam esta espécie e a aproximam de *H. ocellifera*, cujos lobos oculares inferiores são muito desenvolvidos, com o dobro do comprimento das genas.

O material que examinamos concorda com o diapositivo do holótipo (♂, MNHN) e tem as seguintes procedências:

Brasil. Minas Gerais: Santa Bárbara (Serra do Caraça, 1380 m). Rio de Janeiro: Angra dos Reis (Faz. Jussaral), Nova Friburgo. São Paulo: São Paulo (Água Funda, Ipiranga, Saúde).

Hesycha ocellifera, sp. n.

(Figs. 1, 33)

Caracteriza-se pelo acentuado desenvolvimento dos lobos oculares inferiores (fig. 1) que têm o dobro do comprimento das genas.

♂. Tegumento castanho-avermelhado a castanho-escuro. Pubescência acinzentada ou amarelada, às vezes com áreas mais nitidamente acastanhadas nos élitros: junto à base, em área oblíqua central e no terço apical. Tubérculos anteníferos projetados, curvos, acuminados. Antenômero III com tegumento pálido na base. Antenas atingem o ápice dos élitros na extremidade do antenômero IX. Tubérculos umerais ausentes.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂ e ♀. Comprimento total, 10,3-13,1 e 7,0-12,7; comprimento do protórax, 1,9-2,2 e 1,1-2,2; maior largura do protórax, 1,6-3,0 e 1,6-3,0; comprimento do élitro, 7,5-9,9 e 5,2-9,7; largura umeral, 3,7-4,7 e 2,4-4,7.

Material. Brasil. Minas Gerais: Alfenas, 1 ♂, 10.X.1983 (MZSP); Juiz de Fora, 1 ♀ (MZSP); Viçosa, 1 ♂, XI.1954, U.R. Martins col. (MZSP, holótipo). Espírito Santo: Barra do São Francisco (Córrego do Itá), 1 ♂, XI.1956, W. Zikán col. (MZSP); Linhares, 1 ♂, 1 ♀, 6.XI.1972, C. Elias col. (DZUP). São Paulo: Amparo, 1 ♀ (MZSP); Barueri, 1 ♀, XI.1965, K. Lenko col. (MZSP); Itu (faz. Pau d'Alho), 1 ♀, 1-5.XI.1961, U.R. Martins col. (MZSP); São José dos Campos, 1 ♂, XII.1934, H.S. Lopes col. (MZSP); São Paulo (Santo Amaro), 1 ♂, X, J. Lane col. (MZSP). Paraná: Ana Vitória, 1 ♀, XI.1945, R. Posth col. (DZUP). Argentina. Misiones: Iguazu, 1 ♂, II.1976 (MZSP). Holótipo ♂, 5 parátipos ♂ e 4 parátipos ♀ no MZSP; parátipo ♂ e 2 parátipos ♀ no DZUP.

Hesycha variabilis Dillon & Dillon, 1945*Hesycha variabilis* Dillon & Dillon, 1945: 131, est. 5, fig. 14.

Caracteriza-se pela acentuada projeção dos úmeros e conseqüente estreitamento acentuado dos élitros em direção ao ápice. São muito raros os exemplares cujo antenômero III apresenta estreita orla basal de tegumento claro. Nesta espécie os lobos oculares inferiores são mais curtos do que as genas e como foi a única que Dillon & Dillon (1945) conheceram, adotaram esse caráter para distinguir *Hesycha* de *Glypthaga*. Discutimos acima que tal atributo não é seguro para distinção dos gêneros.

Procedências do material examinado: Brasil. São Paulo: Alto da Serra, Amparo, Barueri, Botucatu, Itu (Faz. Pau d'Alho), Pindamonhangaba (Eugenio Lefèvre), São Bernardo, São Paulo (Água Funda, Morumbi, Saúde), São Roque. Paraná: Paracai, Ponta Grossa, Rio Negro. Santa Catarina: Corupá, Joinville, Mafra, Rio Vermelho, São Bento do Sul. Rio Grande do Sul: Palmeira, São Leopoldo. Argentina. Misiones: Campo Grande.

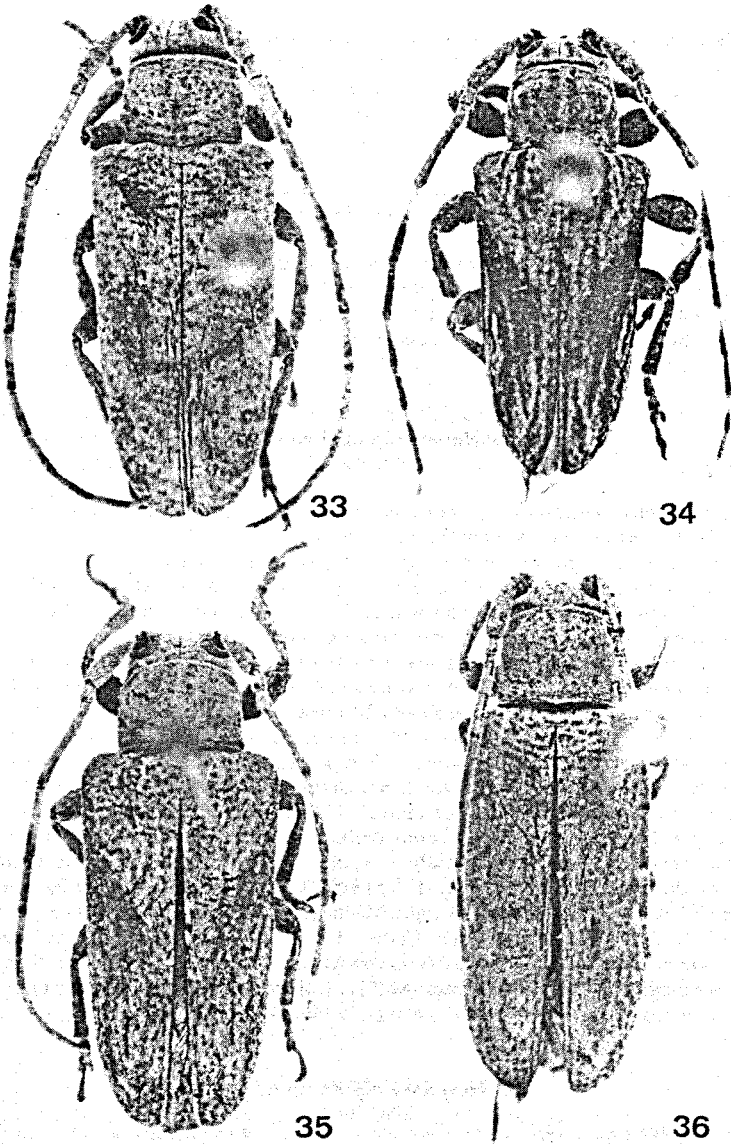


Fig. 33, *Hesycha ocellifera*, sp. n., parátipo ♀; 34, *H. bimaculata*, sp. n., parátipo ♂; 35, *H. microphthalma*, sp. n., parátipo ♀; 36, *H. simplex*, sp. n., holótipo ♀.

Hesycha bimaculata, sp. n.

(Fig. 34)

O padrão de colorido dos élitros desta espécie é semelhante ao das espécies do gênero *Sternycha*.

Lobos oculares inferiores mais curtos do que as genas e antenômero III com tegumento unicolor aproximam *H. bimaculata* de *H. variabilis*. Difere: pelos úmeros não projetados, pelos élitros não estreitados para o ápice e pelo padrão de colorido elitral.

♂. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência castanho-clara; os élitros com faixa acastanhada oblíqua, lateral, ante-mediana que emite ramos estreitos, longitudinais, na metade apical; sobre a declividade lateral, atrás do meio, nítida mácula branca oval; região sub-umeral e mesepimeros castanhos. Tubérculos anteníferos projetados. Antenas atingem a extremidade dos élitros na ponta do antenômero IX. Úmeros ortogonais, não projetados, com tubérculo diminuto. Procoxa sem tubérculo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 9,8; comprimento do protórax, 1,8; maior largura do protórax, 2,5; comprimento do élitro, 7,0; largura umeral, 3,8.

Material. Brasil. Espírito Santo: Linhares (Parque Sooretama), 1 ♂, 17-27.X.1962, F.S. Pereira col. (MZSP, holótipo); Santa Teresa, 1 ♂, 6.XI.1966, C.T. & C. Elias col. (DZUP, parátipo).

Hesycha microphthalmalma, sp. n.

(Fig. 35)

Pelas pequenas dimensões e padrão simples de colorido, acreditamos que esta espécie se aproxime de *H. crucifera*, que não conhecemos. Segundo a descrição de *H. crucifera*, os olhos têm "lower lobe ovate, slightly shorter than gena". Nesta nova espécie os lobos oculares inferiores são muito reduzidos, estreitos e vez e meia mais curtos do que as genas. Aproxima-se também de *H. bimaculata* mas não tem mácula branca nítida nos élitros, as dimensões são menores e os lobos oculares inferiores ainda mais reduzidos.

♂. Colorido geral amarelo-acinzentado com élitros ligeiramente mais acastanhados na base e na faixa oblíqua ante-mediana. Sem mácula branca nítida na declividade elitral. Tubérculos anteníferos apenas projetados. Antenômero III unicolor. Úmeros ortogonais com tubérculo diminuto.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂ e ♀. Comprimento total, 7,1-8,5 e 8,1-9,5; comprimento do protórax, 1,2-1,5 e 1,5-1,6; maior largura do protórax, 1,8-2,3 e 2,0-2,4; comprimento do élitro, 5,3-6,2 e 6,1-7,2; largura umeral, 2,7-3,3 e 3,1-3,7.

Material. Brasil. Minas Gerais: Santa Bárbara (Serra do Caraça, 1380 m), 1 ♀, 23-25.XI.1960, Araujo & Martins col. (MZSP); 1 ♂, XI.1961, Kloss, Lenko, Martins & Silva col. (MZSP). Rio de Janeiro: Itatiaia (700 m), 1 ♂, 13.X.1929, J. F. Zikán col. (MZSP). São Paulo: Iguape, 1 ♀, XII.1921, A. C. Brade col. (MZSP); Ilha da Queimada Grande, 2 ♀, 14-22.IV.1947, E. Dente col. (MZSP); São Carlos, 1 ♀, 27.X.1974, M.M. Dias col. (MZSP). Paraná: Morretes (Marumby), 1 ♀, 15-16.II.1969, Laroca & Becker col. (DZUP). Santa Catarina: Rio Vermelho, 1 ♀, I.1950, Dirings (MZSP). Holótipo ♀ (Ilha da Queimada Grande), 2 parátipos ♂ e 5 parátipos ♀ no MZSP; parátipo ♀ no DZUP.

Hesycha simplex, sp. n.

(Fig. 36)

♀. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência castanho-avermelhada, uniforme; sobre a declividade lateral de cada élitro, pouco atrás do meio, e no centro dos lados dos urosternitos I-IV, mácula de pilosidade branca. Antenômeros III e IV com tegumento escuro, unicolor. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Úmeros sub-retos, sem tubérculo.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 10,0; comprimento do protórax, 1,8; maior largura do protórax, 2,3; comprimento do élitro, 7,6; largura umeral, 3,0.

Material. Brasil. Minas Gerais: Santa Bárbara (Serra do Caraça, Faz. Engenho, 800 m), 1 ♀, XI.1961, Kloss, Lenko, Martins & Silva col. (MZSP, holótipo).

Discussão. Além do padrão de colorido, distingue-se de todas as outras espécies por apresentar os antenômeros III e IV com tegumento escuro, unicolor.

Hesycha clavata, sp. n.

♂. Tegumento castanho-escuro; tegumento da base dos antenômeros III e IV vermelho-alaranjado. Cabeça e pronoto com pubescência predominantemente amarelo-esbranquiçada. Antenômeros III-V com a metade basal (III) ou terço basal (IV e V) recobertos por pubescência acinzentada. Declividade basal dos élitros com pubescência amarelada; pubescência mais acastanhada na área basal dos pontos e variegada de cinza e castanho no restante da superfície elitral. Lobos oculares inferiores pouco mais longos do que as genas. Escapo clavado. Tubérculos látero-anteriores e central do pronoto bem indicados. Úmeros com tubérculo pouco projetado. Terço basal dos élitros pontuado, principalmente atrás dos tubérculos umerais. Tíbias posteriores engrossadas.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 9,7; comprimento do protórax, 1,8; maior largura do protórax, 2,6; comprimento do élitro, 7,3; largura umeral, 4,0.

Material. Brasil. Mato Grosso do Sul: Dourados, 1 ♂, 29-30.XII.1975, J. Lorenzoni col. (DZUP, holótipo).

Hesycha fasciata, sp. n.

(Fig. 37)

♂. Tegumento acastanhado; mais claro, avermelhado, na base dos antenômeros IV-IX (X-XI faltam, quebrados). Tegumento do antenômero III unicolor. Pubescência de maneira geral cinza-acastanhada; metade anterior dos élitros quase inteiramente ocupada por faixa larga, transversal, de pubescência esbranquiçada; pubescência desta mesma cor numa área lateral ao nível do terço apical; regiões basal e central dos élitros ocupadas por pubescência acastanhada. Lobos oculares inferiores estreitos, mais longos do que as genas. Tubérculos anteníferos apenas projetados. Antenas longas, atingem o ápice dos élitros na base do antenômero VII. Escapo clavado. Pronoto sem irregularidades, com sulco oblíquo a cada lado do terço basal. Região basal dos élitros com pontuação grossa, moderadamente densa. Úmeros oblíquos, com tubérculos.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 8,0; comprimento do protórax, 1,6; maior largura do protórax, 2,1; comprimento do élitro, 5,7; largura umeral, 3,2.

Material. Brasil. Espírito Santo: Linhares (Parque Sooretama), 1 ♂, 17-27.X.1962, F. S. Pereira col. (MZSP, holótipo).

Discussão. É semelhante a *H. consimilis* mas difere: tubérculos anteníferos (♂) não projetados; antenômero III unicolor; pronoto sem elevações; lobos oculares inferiores mais longos do que as genas; padrão de colorido elitral.

Tibiosioma, gen. n.

Fronte subquadrangular. Lobos oculares inferiores pouco mais longos do que as genas. Tubérculos anteníferos (♂) distantes, pouco projetados. Escapo clavado. Antenômero III reto. Antenas curtas, apenas mais longas do que o corpo (♂). Portórax cilíndrico, ligeiramente abaulado aos lados que são desprovidos de tubérculo. Elevações pronotais pouco manifestas. Úmeros arredondados, prolongados em carena curta, oblíqua; base com pontuação simples; sem crista centro-basal. Procoxa sem tubérculo. Meso- e metafíbias fortemente dilatadas, com áreas depri-

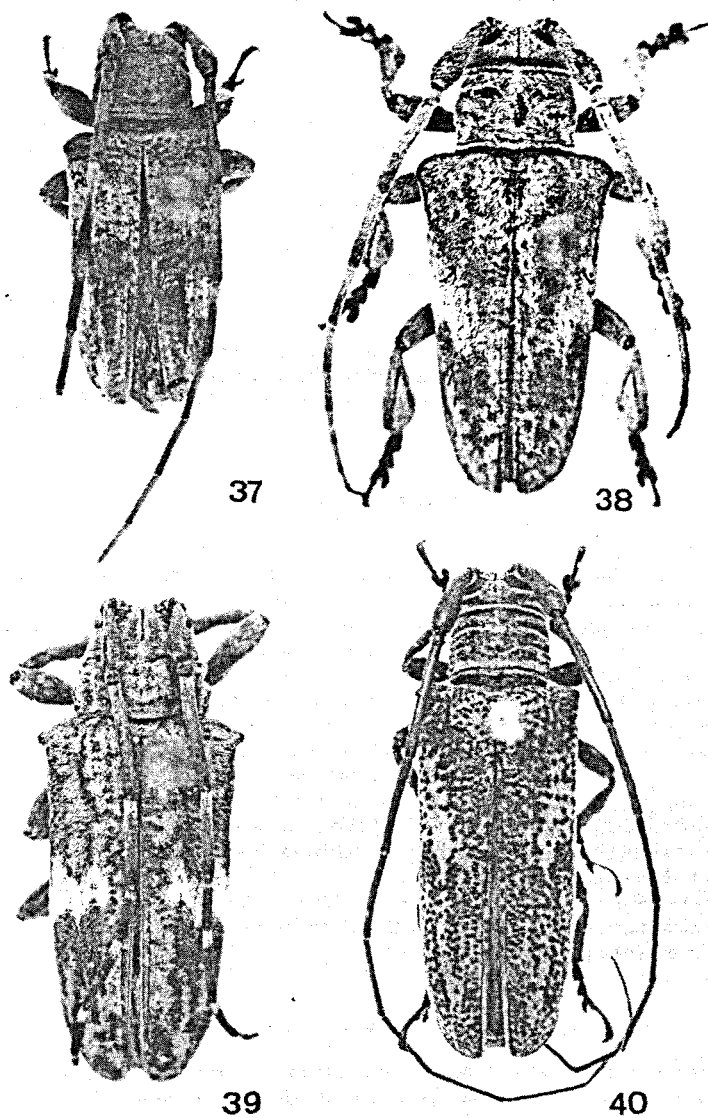


Fig. 37, *Hesycha fasciata*, sp. n., holótipo ♂; 38, *Tibiosioma remipes*, sp. n., holótipo ♂; 39, *Carenesycha carenata*, sp. n., holótipo ♀; 40, *Ischiocentra disjuncta*, sp. n., holótipo ♀.

midas nos lados externo e interno e revestidas por pubescência muito compacta. Tarsômeros V unicolores.

Espécie-tipo, *Tibiosioma remipes*, sp. n.

Discussão. Apesar de apresentar antenômero III reto, difere largamente de *Ischioderes* pelo pronoto destituído de rugas, antenas (♂) curtas e tíbias médias e posteriores muito dilatadas. O aspecto geral lembra vagamente o das espécies de *Hesycha* onde os machos apresentam tubérculos anteníferos projetados, tíbias sem sulcos e antenômero III bissinuoso.

***Tibiosioma remipes*, sp. n.**

(Figs. 19, 38)

♂. Tegumento castanho-avermelhado, mais escuro no escapo e nos úmeros. Pubescência de maneira geral amarelo-esbranquiçada. Metade basal dos antenômeros III-X com pubescência esbranquiçada. Região elitral nos lados do terço basal com área oblíqua de pubescência mais acastanhada; região central com faixa oblíqua mais entremeada de branco, seguida posteriormente por área acastanhada oblíqua; extremidades amareladas. Face ventral uniformemente branco-amarelada. Depressão das meso- e metatíbias (fig. 19) com pubescência amarelada muito compacta.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 9,7; comprimento do protórax, 1,7; maior largura do protórax, 2,4; comprimento do élitro, 7,0; largura umeral, 4,8.

Material. Brasil. Minas Gerais: Juiz de Fora, 1 ♂, XI.1974, G. S. Andrade col. (MZSP, holótipo).

***Carenesycha*, gen. n.**

Fronte alongada. Tubérculos anteníferos (♀) distantes, apenas projetados. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Antenas tão longas quanto o corpo. Antenômero III bissinuoso. Lados do pronoto profunda e oblíqua sulcados; tubérculo látero-posteriores do protórax pouco pronunciados. Élitros com pontuação simples. Tubérculo umeral muito manifesto; neste tubérculo inicia-se elevação cariniforme, larga, bem pronunciada que atinge o meio e delimita região lateral perfeitamente vertical. Região centro-basal de cada élitro nitidamente elevada. Processo prosternal sem quilha transversal.

Espécie-tipo, *Carenesycha carenata*, sp. n.

Este conjunto de caracteres na chave para gêneros de Dillon & Dillon (1945) conduz a três gêneros: *Charoides*, *Tybalma* e *Hesychotypa*. Além de outros caracteres, *Carenesycha* distingue-se imediatamente dos três, pelos élitros com carena atrás dos úmeros e presença de elevação centro-basal. Tarsômeros V unicolores auxiliam sua separação de *Charoides*. O padrão de colorido, entretanto, aproxima-o mais de *Hesychotypa* mas a estrutura dos élitros é bastante diversa.

***Carenesycha carenata*, sp. n.**

(Fig. 39)

♀. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência predominantemente alaranjada; lados do protórax, uma faixa oblíqua larga, de bordos irregulares no meio de cada élitro e uma pequena mancha de cada lado dos urosternitos III-IV com pubescência branca. Nas antenas, pubescência branca na base dos antenômeros III-VI, VIII e X-XI. A pubescência castanha dos élitros está mesclada à alaranjada, mas é uniforme na metade látero-anterior e numa área irregular, oblíqua, atrás da faixa branca.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 10,2; comprimento do protórax, 1,6; maior largura do protórax, 2,8; comprimento do élitro, 7,7; largura umeral, 4,1.

Material. Equador. "Santa Jnéz", 1 ♀, R. Haensch S. col. (MNHU, holótipo).

Hesychotypa nyphonoides (Pascoe, 1859)

Hesycha nyphonoides Pascoe, 1859: 36; Bates, 1865:172.

Ischiocentra nyphonoides; Lacordaire, 1872:674.

Tybalmia nyphonoides; Aurivillius, 1923:341.

Hesychotypa phaola Dillon & Dillon, 1945:163, est. 6, fig. 9, *syn. n.*

Dillon & Dillon (1945) interpretaram erroneamente a espécie de Pascoe, motivo pelo qual a descreveram como *H. phaola*. A espécie considerada por aqueles autores como *H. nyphonoides* é adiante descrita com a denominação de *H. ableptema*, sp. n.

H. nyphonoides assemelha-se, pelo padrão de colorido dos élitros constituído por grande número de manchas e faixas curtas de pilosidade amarelada, a *H. maculosa* (Bates) e *H. turbida* (Bates). Nestas duas espécies os machos apresentam tubérculos anteníferos desenvolvidos, voltados para diante e para baixo, como em algumas espécies de *Lochmaeocles*. Em *H. nyphonoides*, contudo, os tubérculos anteníferos são pouco desenvolvidos e verticais.

Material. Brasil. Amazonas: Tefé, 1 ♂, X.1958, Dirings (MZSP).

H. phaola foi originalmente descrita do Peru (Satipo, Quiroz) e do Brasil (São Paulo de Olivença). Foram ainda examinados diapositivos dos tipos de *H. nyphonoides* (♂, BMNH) e de *H. phaola* (♂, ANSP).

Hesychotypa ableptema, sp. n.

(Fig. 41)

Hesychotypa nyphonoides Dillon & Dillon, 1945: 160, est. 6, fig. 7, *non* Pascoe, 1859: 36.

A descrição de Dillon & Dillon é bastante completa. Limitamo-nos a estabelecer diferenças mais acentuadas com as demais espécies amazônicas.

O escasso número de ornamentações de pubescência amarelada nos élitros separa *H. ableptema* de *H. maculosa* e *H. nyphonoides* cujos antenômeros são inteiramente escuros, destituídos de pilosidade clara junto às bases. Difere de *H. jaspidea* (comparação entre machos), (1), pelos tubérculos anteníferos largos, curtos, não acuminados; (2), pelas antenas muito curtas, apenas um terço mais longas do que o corpo; (3), pelo antenômero III engrossado; (4), pelo espinho látero-posterior de pronoto acentuadamente mais projetado; (5), pelo tubérculo umeral pouco manifesto. Distingue-se de *H. liturata* e *H. aeropa* pela ausência de desenho branco nos élitros.

Material. Brasil. Pará: Santarém (Taperinha), 1 ♂, III.1921, Hagman col. (MZSP, holótipo).

Hesychotypa colombiana, sp. n.

(Fig. 42)

♀. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência de maneira geral cinza-acastanhada. Fronte densamente amarelada. Pronoto sem faixas escuras. Cada élitro com uma faixa esbranquiçada, oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura. Antenômeros III-XI escurecidos na metade apical. Tubérculos anteníferos apenas projetados. Lobos oculares inferiores com o dobro do comprimento da gena. As antenas atingem o ápice elitral na ponta do antenômero IX. Espinhos laterais do protórax desenvolvidos, agudos. Primeiro urosternito inteiramente pubescente.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 18,0; comprimento do protórax, 2,8; maior largura do protórax, 4,5; comprimento do élitro, 13,5; largura umeral, 6,8.

Material. Colômbia. Cundinamarca: Fusagasugá, 1 ♀, 1931, P. Apolinar col. (MZSP, holótipo).

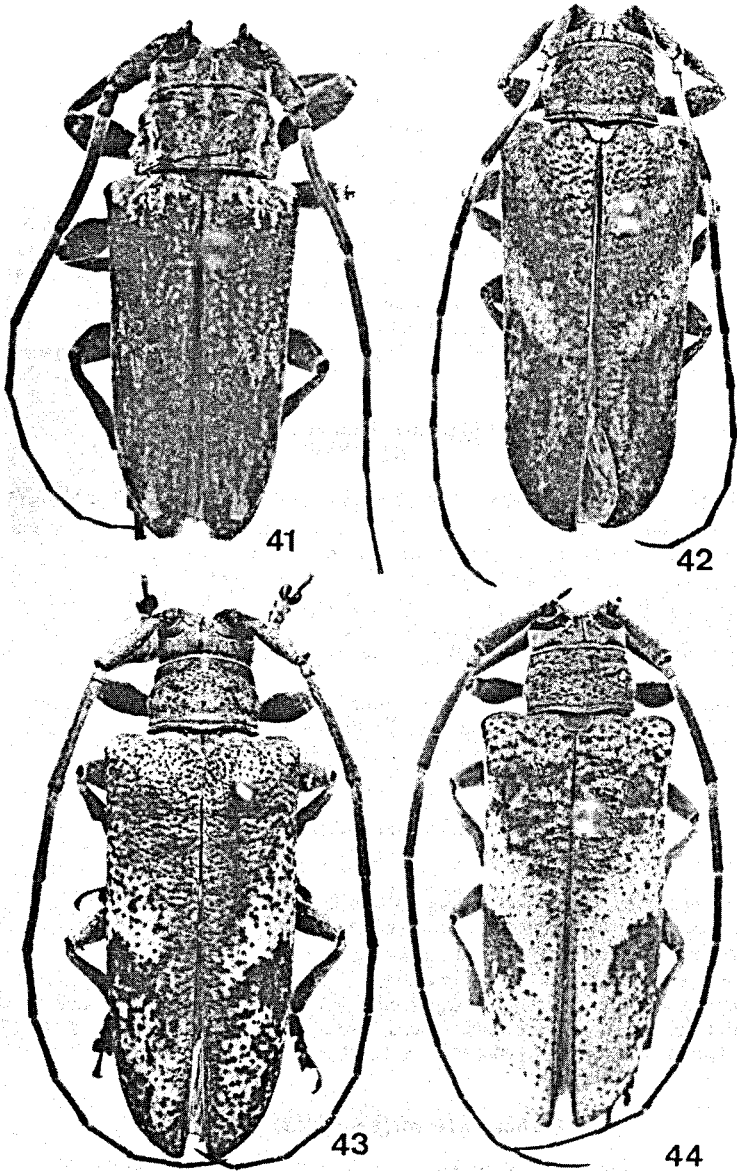


Fig. 41, *Hesychoptera ableptema*, sp. n., holótipo ♂; 42, *H. colombiana*, sp. n., holótipo ♀; 43, *Ischiosoma obliquata*, sp. n., holótipo ♀; 44, *I. albata*, sp. n., holótipo ♀.

Discussão. O padrão de colorido assemelha-se ao de *H. cedestes*. *H. colombiana* distingue-se imediatamente por não apresentar área glabra, muito brilhante, de cada um dos lados do urosternito I, caráter que permite separar *H. cedestes* de todas as outras espécies.

Ischiosioma, gen. n.

Fronte subquadrada. Lobos oculares inferiores longos, mais longos do que as genas. Tubérculos anteníferos distantes. Escapo subcilíndrico, delgado, não clavado. Antenômero III reto. Antenômeros V-VII mais longos do que o IV. Antenas mais longas do que o corpo nos dois sexos. Protórax curto, estreito; lados com tubérculo rombo, pouco desenvolvido, ao nível do terço posterior. Pronoto sem tubérculos. Élitros com pontos simples. Úmeros ortogonais. Ausência de gibosidade centro-basal.

Espécie-tipo, *Ischiosioma obliquata*, sp. n.

Discussão. O gênero reúne duas espécies e pela chave de Dillon & Dillon (1945) aproxima-se mais de *Ischioderes* e *Ischiocentra*. Distingue-se de *Ischioderes* e de *Oncideres*, gen. n., descrito adiante, pelo escapo cilíndrico e pelo pronoto não rugoso. Separa-se de *Ischiocentra* pela ausência de tubérculo desenvolvido nos lados do protórax e pelo escapo cilíndrico.

Ischiosioma obliquata, sp. n.

(Fig. 43)

♀. Tegumento avermelhado. Pubescência predominantemente castanho-alaranjada. Antenômeros unicolors, a partir do V. Cada élitro com uma faixa branca, oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura e mancha branca, muito quebrada, dorsal, que envolve pontos castanhos, no quarto apical. Pronoto, centro do metasterno e urosternitos com pontos contrastantes. Élitros muito fina e densamente pontuados, principalmente na metade anterior.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 16,6-23,6; comprimento do protórax, 2,2-3,2; maior largura do protórax, 3,4-5,0; comprimento do élitro, 13,1-18,4; largura umeral, 5,8-8,3.

Material. Brasil. Santa Catarina: Rio Vermelho, 1 ♀, IV.1960, Dirings (MZSP, holótipo). Ainda 1 ♀, 5.XI.1926, à luz, provavelmente de Itatiaia, RJ, já que o rótulo manuscrito (data da coleta) é de José Francisco Zikán; depositada no MZSP, parátipo.

Ischiosioma albata, sp. n.

(Fig. 44)

Próxima da espécie precedente, separa-se pelos élitros largamente brancos junto à base e com faixa oblíqua prolongada posteriormente pela sutura e ocupando praticamente todo terço apical. Além disso, a pontuação elitral é menos conspicua.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 19,8-20,0; comprimento do protórax, 2,4-2,5; maior largura do protórax, 3,9-4,3; comprimento do élitro, 15,5-16,5; largura umeral, 6,8-7,3.

Material. Brasil. Espírito Santo: Santa Teresa, 1 ♀, 15.X.1966, C. T. & C. Elias col. (DZUP, holótipo); 1 ♀, 22.X.1966, C. T. & C. Elias col. (MZSP, parátipo).

Lochmaeocles congener (Thomson, 1868)

Oncideres congener Thomson, 1868: 89.

Lochmaeocles congener; Dillon & Dillon, 1946: 218.

Oncideres vermiculatus Thomson, 1868: 91, *syn. n.*

Lochmaeocles vermiculatus: Dill. & Dill., 1946: 216, est. 9, fig. 6.

O exame dos diapositivos dos tipos permitiu estabelecer esta sinonímia; *L. congener* foi fundamentada num macho muito mal conservado (como, aliás, já assinalara Thomson) e *L. vermiculatus* numa fêmea, ambos depositados no MNHN.

Lachnia subcincta Audinet-Serville, 1835

Lachnia subcincta Audinet-Serville, 1835: 64.

Ischiocentra fulvoirrorata Thomson, 1868: 56, *syn. n.*

Hesychotypa fulvoirrorata; Dillon & Dillon, 1945: 169, est. 6, fig. 14.

Dillon & Dillon (1945) não examinaram exemplares de *L. subcincta*. O holótipo (♂, BMNH) de *L. subcincta* pertence à mesma espécie descrita por Thomson como *Ischiocentra fulvoirrorata* (holótipo ♂, MNHN). Dillon & Dillon figuraram a espécie sob a denominação de *Hesychotypa fulvoirrorata*.

Examinamos uma fêmea da Ilha de Maracá, RR, 15-22.VII.1987, A. Lise col. (MCNP).

O gênero *Lachnia* não está relacionado com *Jamesia* (Dillon & Dillon, 1945: 12). Aproxima-se de *Hesychotypa* mas o protórax tem tubérculo lateral pouco desenvolvido e os lobos oculares inferiores (♀) têm quase o dobro do comprimento da gena.

Ischiocentra Thomson, 1860

Ischiocentra Thomson, 1860: 362; 1864: 392; Lacordaire, 1872: 673; Dillon & Dillon, 1946: 226.

Dillon & Dillon (1946) consideraram como pertencentes a este gênero as seguintes espécies: (1) *I. albilatera* (Pascoe), com *I. clavata* Thomson na sinonímia; (2) *I. alternans* Aurivillius, que não examinaram; (3) *I. costalimai* Melzer, não examinada; (4) *I. quadrisignata* Thomson; (5) *I. nobilitata* Thomson, não examinada. No mesmo trabalho, estão inseridas no gênero *Apamauta* (l.c.: 137), além da espécie-tipo, *A. lineolata*, outras duas espécies de Thomson que não examinaram: *A. hebes* e *A. pubescens*.

Em 1952, os mesmos autores publicaram: (1) a transferência de *A. hebes* para *Ischiocentra*, considerando *I. costalimai* sua sinônima; (2) a transferência de *A. pubescens* para *Ischiocentra*; (3) redescobriram "*Ischiocentra alternans*".

Lane (1956: 23) descreveu *Ischiocentra diringshofeni*.

Martins (1975: 66) transferiu *I. alternans* para *Paratritania* Breuning, 1961, e considerou *P. ochritarsis* Breuning, 1961, sua sinônima.

Giesbert (1984) acrescentou ao gênero duas espécies centro-americanas: *I. monteverdensis* e *I. stockwelli* que não examinamos. É provável que pertençam ao gênero *Hesychotypa*, motivo pelo qual não estão incluídas na chave dada a seguir.

Após o exame dos diapositivos dos tipos das espécies atualmente integrantes de *Ischiocentra*, constatamos que (1) *I. albilatera* (Pascoe) na realidade pertence ao gênero *Trestonia*, como já anotara Bates (1965), portanto, (2) *I. clavata* Thomson, uma *Ischiocentra* verdadeira, deve ser revalidada; (3) *I. pubescens* pertence ao gênero *Cordites* e tem como sinônima *I. modesta* Melzer.

Trestonia albilatera (Pascoe, 1859), comb. n.

Hesycha albilatera Pascoe, 1859: 36.

Trestonia albilatera; Bates, 1865: 312.

Ischiocentra albilatera; Dillon & Dillon, 1946: 227.

***Ischiocentra clavata* Thomson, 1860, revalidada**
(Fig. 10)

Ischiocentra clavata Thomson, 1860: 383; Dillon & Dillon, 1945: 227, *in syn.*

***Cordites pubescens* (Thomson, 1868), comb. n.**

Apamauta pubescens Thomson, 1868: 59.

Ischiocentra pubescens; Dillon & Dillon, 1952: 69.

Ischiocentra modesta Melzer, 1931: 58, est. 2, fig. 8.

Cordites modesta; Dillon & Dillon, 1946: 234, est. 16, fig. 5.

As espécies de *Ischiocentra* que compõem atualmente o gênero separam-se (exceto *I. monteverdensis* Giesbert e *I. stockwelli* Giesbert, não incluídas):

1. Espinho lateral do protórax (fig. 9) bem projetado, manifesto; cada élitro com duas áreas grandes de pubescência branca 2
- Espinho lateral do protórax (figs. 10, 11) pequeno, diminuto ou ausente; élitros, quando muito, com apenas uma área desenvolvida de pubescência branca 3
- 2(1). Cabeça e pronoto muito densamente maculados de castanho-escuro que é a coloração predominante; élitros (exceto áreas brancas), predominantemente castanho-escuros; lados do metasterno e dos urosternitos densamente pontuados de castanho. (Fig. 9) Brasil (SC) *diringshofeni* Lane
- Cabeça e protórax não densamente pontuados de castanho, com coloração predominantemente amarelada; élitros, lados do metasterno e urosternitos predominantemente amarelados. Brasil (MG, SP) *quadrisignata* Thomson
- 3(1). Base dos élitros com pontos ásperos, precedidos de tubérculos (não examinada, salvo pelo diapositivo do holótipo ♂, MNHN). Brasil *nobilitata* Thomson
- Base dos élitros com pontos simples 4
- 4(3). Cada élitro com grande mancha oblíqua de pilosidade branca na metade anterior. (fig. 10) Brasil (ES) *clavata* Thomson
- Élitros com pubescência amarelada ou amarelo-esbranquiçada, sem áreas brancas notáveis 5
- 5(4). Lobos inferiores dos olhos tão longos quanto as genas; lados do protórax com pequeno espinho látero-posterior; face anterior dos úmeros oblíqua; bases dos antenômeros com pubescência clara. Brasil (ES a SC) *hebes* Thomson
- Lobos inferiores dos olhos (fig. 20) com o triplo do comprimento das genas; lados do protórax (fig. 11) desarmados; face anterior dos úmeros (fig. 40) subortogonal; antenômeros com pubescência unicolor. Venezuela (Aragua) *disjuncta*, sp. n.

***Ischiocentra disjuncta*, sp. n.**

(Figs. 11, 20, 40)

♀. Tegumento castanho, mais avermelhado nas antenas. Pilosidade amarelo-esbranquiçada, mais compacta numa faixa lateral situada pouco à frente do meio dos élitros que não atinge a sutura. Antenômeros com pubescência unicolor. Pernas com pilosidade rala, unicolor. Lobos oculares inferiores (fig. 20) bem desenvolvidos, com o triplo do comprimento das genas. Tubérculos anteníferos apenas projetados. Antenas atingem o ápice elital no meio do antenômero VII. Lados do protórax (fig. 11) com dois sulcos transversais, sem tubérculo. Face anterior dos úmeros subortogonal; úmeros com tubérculo. Élitros pontuados em toda a superfície.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 16,6; comprimento do protórax, 2,4; maior largura do protórax, 3,4; comprimento do élitro, 13,2; largura umeral, 5,4.

Material. Venezuela. Aragua: Rancho Grande (P.N.H. Pittier), 1 ♀, 11-13.VI.1981, N. San Filippo col. (MHNG, holótipo).

Dolichosybra apicalis (Gilmour, 1963), comb. n.

Cacostola apicalis Gilmour, 1963: 100, est. 3, fig. 4

Cacostola apicalis Gilmour, 1963, na realidade pertence ao gênero *Dolichosybra* Breuning, 1942, da tribo Apomecynini, para o qual deve ser transferida.

Cylicasta Thomson, 1868

Cylicasta Thomson, 1868: 42; Lacordaire, 1872: 682; Dillon & Dillon, 1946: 269.

Ao examinarmos os diapositivos dos tipos das espécies deste gênero, constatamos: (1) a espécie que Dillon & Dillon (1946: 270, est. 11, fig. 12), interpretaram como *C. liturata* (Fabricius) é na realidade *C. terminata* (Buquet); (2) *C. coarctata* (Bates) é sinônima de *C. liturata* (Fabricius).

Páginas acima, transferimos para este gênero *Hypsioma difficilis* Lameere, que então fica assim constituído:

1. *C. chionea* Martins, 1975: 155 - Brasil (MS).
2. *C. difficilis* (Lameere, 1893) - Venezuela.
Hypsioma difficilis Lameere, 1893: 278.
Cylicasta difficilis; Martins & Galileo, 1990:55.
3. *C. liturata* (Fabricius, 1801) - Guiana Francêsa, Brasil (AP, AM, PA, MA).
Saperda liturata Fabricius, 1801: 325.
Cylicasta liturata; Aurivillius, 1923: 350.
Trestonia coarctata Bates, 1865: 312, *syn. n.*
Cylicasta coarctata; Dillon & Dillon, 1946: 272, est. 11, fig. 13.
4. *C. nysa* Dillon & Dillon, 1946: 274 - Colômbia.
5. *C. terminata* (Buquet, 1859) - Brasil (PA).
Trestonia terminata Buquet, 1859: 47, est. 5, fig. 3.
Cylicasta terminata; Thomson, 1868: 43.
Cylicasta liturata; Dillon & Dillon, 1946: 270, *non* Fabricius, 1801.

Trestonia nivea, sp. n.

(Fig. 46)

O padrão de colorido desta espécie é consideravelmente distinto do das demais espécies do gênero e semelhante ao de *T. signifera* Buquet (examinado diapositivo do holótipo ♂, MNHN). Nestas espécies os élitros são cobertos por muitas máculas de pubescência clara. Em *T. nivea* o pronoto não apresenta rugas transversais como ocorre em *T. signifera*.

Tegumento castanho-avermelhado escuro. Pubescência amarelado-sujo, densa: fronte, mesepimeros, porções anterior e posterior dos metepisternos, lados do mesosterno e pequenas manchas laterais nos urosternitos. Vértice e pronoto com pubescência branco-amarelada. Élitros com pubescência castanho-clara com manchas pequenas de pilosidade esbranquiçada (na fêmea mais concentradas ao nível do meio). Antenas unicolores.

♂. Tubérculos anteníferos bem desenvolvidos, verticais. Antenas atingem o ápice elitral no meio do antenômero VII. Lobos oculares inferiores grandes, com mais do dobro do comprimento das genas. Pronoto sem rugas transversais. Tubérculos laterais do protórax indicados. Procoxas com tubérculo.

♀. Tubérculos anteníferos aguçados. Antenas atingem a ponta dos élitros na extremidade do antenômero VII. Procoxas desarmadas.

Dimensões, em mm, respectivamente, ♂ e ♀. Comprimento total, 12,0 e 13,1; comprimento do protórax, 2,3 e 2,4; maior largura do protórax, 2,9 e 3,2; comprimento do élitro, 8,2 e 9,8; largura umeral, 3,9 e 4,3.

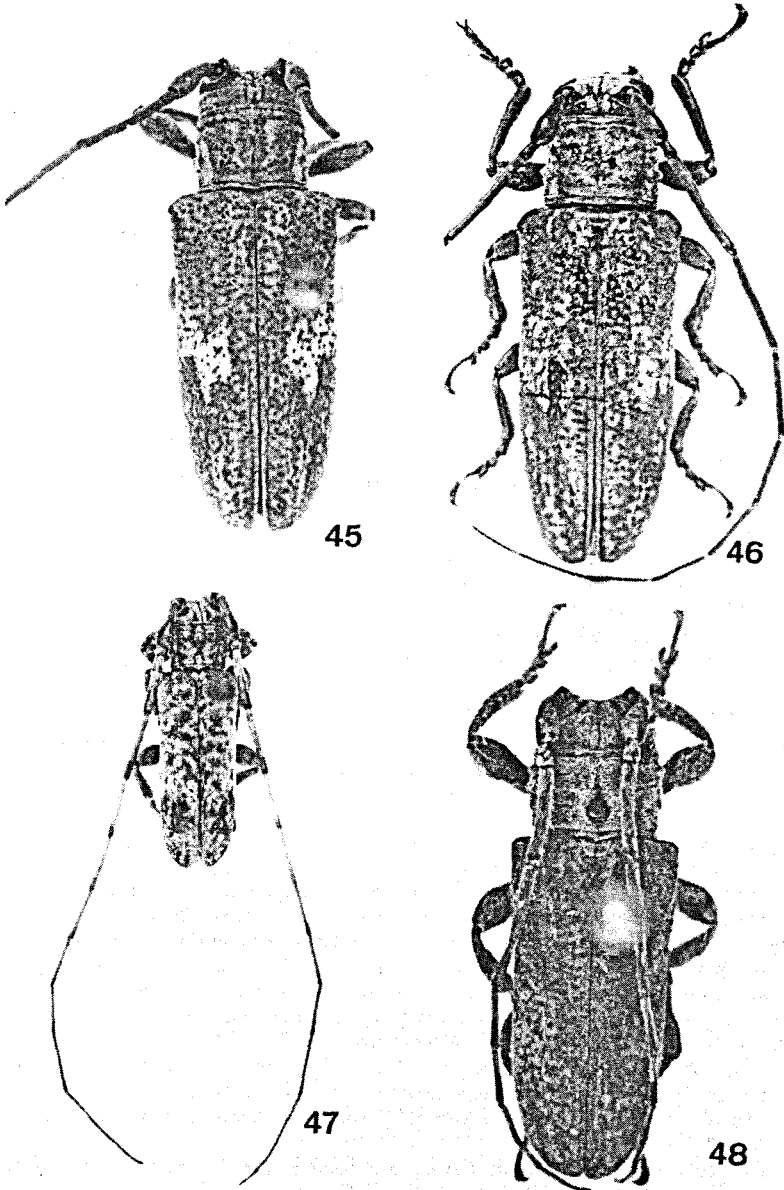


Fig. 45, *Trestonia fasciata*, sp. n., holótipo ♀; 46, *T. nivea*, sp. n., parátipo ♀; 47, *T. grisea*, sp. n., holótipo ♂; 48, *Trestoncideres laterialba*, sp. n., holótipo ♂.

Material. Suriname. Brownsberge (500 m), 1 ♀, 20.IV.1981, G. Tavakilian col. (CGTC, parátipo). Brasil. Amapá: Rio Felício, 1 ♂, 4.VIII.1957, J. Lane col. (MZSP, holótipo).

Trestonia fasciata, sp. n.
(Fig. 45)

♀. Tegumento avermelhado. Pubescência amarelada na fronte com alguns pontos castanhos. Antenômeros III e IV com pilosidade unicolor. Pronoto amarelado com duas faixas largas, pouco distintas, mais escuras e alguns pontos castanhos. Élitros castanho-claros, variegados por manchas de pilosidade amarelada; região centro-dorsal com área irregular de pilosidade branca. Lados dos urosternitos com pequenas áreas circulares glabras. Lobos oculares inferiores alongados, com ca. triplo do comprimento da gena. Antenômero III ligeiramente curvo. Tubérculo látero-basal do protórax indicado. Procoxa com tubérculo diminuto.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 13,0; comprimento do protórax, 2,3; maior largura do protórax, 3,1; comprimento do élitro, 9,6; largura umeral, 4,6.

Material. Colômbia. Magdalena: 1 ♀ (MNHU, holótipo).

Discussão. Esta espécie, bem como *T. signifera* e *T. nivea*, acima descritas, têm padrão de colorido elitral muito diverso daquela apresentada pelas demais espécies (Dillon & Dillon, 1946: est. 16, figs. 6-13). Estruturalmente contudo, são muito semelhantes àquelas espécies, motivo pelo qual nos abstermos de estabelecer, por ora, gêneros novos. A presença de faixa branca no meio dos élitros é característica de *T. fasciata*.

Trestonia grisea, sp. n.
(Fig. 47)

♂. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência predominantemente alarajanda na cabeça, pronoto, quarto apical dos élitros e franjas dos urosternitos; em todas essas regiões entremeada por pubescência castanha. Os três quartos anteriores dos élitros (menos a declividade anterior) e face ventral do tórax com pubescência branca, que nos élitros é menos concentrada e disposta em áreas subcirculares. Antenômeros III e IV com metade apical escura; os demais escuros apenas no ápice. Lobos oculares inferiores estreitos, tão longos quanto as genas. Antenas com o dobro do comprimento do corpo, atingem o ápice elitral no meio do antenômero VI. Antenômero III robusto. Tubérculos anteníferos projetados mas não comprimidos. Tubérculos laterais do protórax reduzidos.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 10,4; comprimento do protórax, 1,7; maior largura do protórax, 2,2; comprimento do élitro, 7,6; largura umeral, 3,0.

Material Brasil. Santa Catarina: Corupá (ex-Hansa Humboldt), 1 ♂, XII.1929, A. Maller col., ex-col. J. Melzer (MZSP, holótipo).

Discussão. Apenas em *T. albilatera* a porção anterior dos élitros é largamente ocupada por pubescência branca. Em *T. albilatera* além da região sutural apresentar pubescência castanha e alaranjada, a mancha castanho-escura do terço posterior dos élitros é muito manifesta.

Trestoncideres, gen. n.

Fronte quadrangular. Lobos oculares inferiores apenas mais curtos do que as genas. Tubérculos anteníferos distantes, agudos. Escapo subpiriforme; lado interno da base (♂) com sulco largo, profundo (fig. 14); metade apical da face ventral muito lisa, plana. Antenas (♂) apenas mais longas do que o corpo. Antenômero III robusto, curvo; o IV também robusto, reto. Protórax mais largo anteriormente do que na base. Pronoto com área glabra centro-basal. Lados do protórax irregularmente rugosos. Bases dos élitros com grânulos; gibosidades basais apenas indicadas. Procoxas sem tubérculo unciforme.

Espécie-tipo, *Trestoncideres laterialba*, sp. n.

Discussão. Próximo a *Oncideres*, este gênero separa-se pelo aspecto do escapo dos machos, pelo protórax desarmado e rugoso nos lados; pelo pronoto com única área glabra centro-basal. Difere de *Trestonia* pelos élitros granulados, escapo dos machos e protórax mais largo anteriormente do que na base.

Trestoncideres laterialba, sp. n.

(Figs. 14,48)

Tegumento castanho-escuro. Pubescência amarelo-acastanhada, mais concentrada no pronoto e na metade apical dos élitros. Mesepimeros, mesepisternos e metepisternos castanhos; lados do metasterno densamente brancos. Centro do metasterno e dos urosternitos basais com pubescência branca mais esparsa.

Dimensões em mm, respectivamente ♂ e ♀. Comprimento total, 10,9-11,6 e 13,0; comprimento do protórax, 2,0-2,2 e 2,3; maior largura do protórax, 2,9-3,1 e 3,5; comprimento do élitro, 7,6-8,2 e 9,5; largura umeral, 3,6-3,8 e 4,4.

Material. Costa Rica. Cartago: Turrialba (600 m), 1 ♂, 30.VIII. 1971, V. O. Becker col. (DZUP, holótipo). Suriname. 1 ♂, 1 ♀, Cord. col. (MNHU, nº 19653 e MZSP, parátipos).

Oncideres, gen. n.

Fronte alongada. Lobos oculares inferiores largos, com ca. dobro do comprimento das genas. Tubérculos anteníferos distantes. Escapo subcilíndrico, delgado, não clavado. Antenômero III reto. Antenômeros V-VII mais longos do que o IV. Antenas (♀) pouco mais longas que o corpo. Protórax ligeiramente tuberculado aos lados. Pronoto sem elevações notáveis, desprovido de rugas transversais. Úmeros subortogonais. Élitros com pontos simples, sem gibosidade centro-basal.

Espécie-tipo, *Oncideres picta*, sp. n.

Discussão. Próximo a *Ischioderes*, o novo gênero separa-se pelo escapo cilíndrico e pela ausência de rugosidades transversais no pronoto. Difere de *Ischiosioma* pela fronte alongada, fêmures posteriores fortemente clavados, aspecto geral mais compacto e élitros abaulados no dorso.

Oncideres picta, sp. n.

(Fig. 49)

♀. Tegumento preto, mais avermelhado nos antenômeros apicais, pronoto, élitros e face ventral. Cabeça com pubescência amarelada, mais clara no meio da fronte e muito densa atrás dos olhos. Escapo, antenômeros II e III e dois terços basais do IV acinzentados; V-XI mais avermelhados. Protórax com pubescência branco-amarelada; alguns pontos contrastantes na metade posterior. Escutelo branco-amarelado. Extremo basal dos élitros estreitamente branco; restante da superfície castanho-clara, salpicada de manchas brancas pequenas, irregulares, um pouco mais concentradas à frente do meio. Face ventral com pubescência amarelada, brilhante nos lados dos esternos torácicos. Pernas com pubescência acinzentada.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 16,5; comprimento do protórax, 2,4; maior largura do protórax, 3,9; comprimento do élitro, 12,5; largura umeral, 6,3.

Material. Brasil. (São Paulo?): Campinas, 1 ♀, XI.1916, Braaf col., ex-col. J. Melzer (MZSP, holótipo).



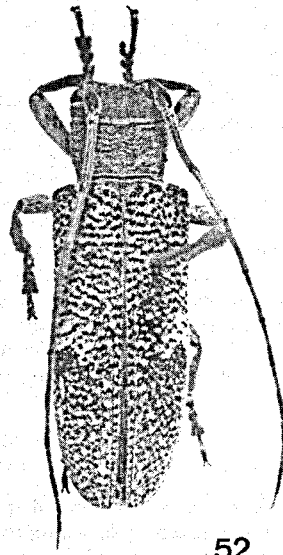
49



50



51



52

Fig. 49, *Oncideres picta*, sp. n., holótipo ♀; 50, *O. rondoniae*, sp. n., holótipo ♀; 51, *Psyllotoxus inexpectatus*, sp. n., holótipo ♂; 52, *Oncideres teixeirai*, sp. n., holótipo ♀.

Oncideres rondoniae, sp. n.

(Fig. 50)

♀. Tegumento castanho-avermelhado escuro, mais avermelhado na metade apical dos élitros e antenômeros distais. Cabeça com pubescência amarelo-esbranquiçada, mais concentrada atrás dos olhos. Antenômeros IV-XI com pubescência castanho-clara, estreitamente anelados de cinza nas bases. Protórax com pubescência amarelo-esbranquiçada. Disco do pronoto com pontos contrastantes esparsos. Élitros com pubescência predominantemente branco-amarelada; regiões laterais atrás do meio com área de pubescência castanho-clara, salpicada de pequenas manchas branco-amareladas; regiões laterais à frente dessas áreas com pubescência branca. Face ventral com pubescência amarelada, brilhante.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 13,3; comprimento do protórax, 2,2; maior largura do protórax, 3,5; comprimento do élitro, 9,5; largura umeral, 5,0.

Material. Brasil. Rondônia: Forte Príncipe da Beira, 1 ♀, 19.XI - 3.XII.1967, G. R. Kloss col. (MZSP, holótipo).

Discussão. Difere de *O. picta* pelo padrão de colorido dos élitros, pela presença de pêlos longos no ápice dos antenômeros IV-X e pela presença de pontos contrastantes no disco do pronoto.

Psyllotoxus inexpectatus, sp. n.

(Fig. 13, 17, 51)

♂. Tegumento avermelhado; castanho-escuro no escapo, no ápice dos antenômeros, no terço basal e apical dos élitros e em regiões dos fêmures e das tíbias. Fronte com pubescência acinzentada, mesclada de alaranjado, especialmente nos lados. Vértice com pubescência misturada de cinza, alaranjado e castanho. Antenas com pubescência branca, castanho-escura na clava do escapo, antenômero III (exceto na base) e ápice dos antenômeros IV-X. Pronoto predominantemente branco, algo variegado de alaranjado, com grande área centro-posterior glabra. Pubescência elitral esbranquiçada, mais rala nos terços anterior e apical onde está mais mesclada de castanho; alaranjada junto à base, no friso sutural do terço anterior e em manchas irregulares no terço apical; a larga região clara do terço central com máculas alaranjadas. Regiões laterais da face ventral branco-alaranjadas; região central branca. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Tubérculos anteníferos projetados, agudos, mas não muito desenvolvidos. Antenômero III (fig. 17) subcilíndrico, muito engrossado. Antenas atingem o ápice elitral no meio do antenômero IX. Tubérculos laterais do protórax (fig. 13) muito desenvolvidos (anteriores arredondados, posteriores acuminados). Grânulos da base dos élitros diminutos, esparsos.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 13,8; comprimento do protórax, 2,5; maior largura do protórax, 4,2; comprimento do élitro, 9,8; largura umeral, 5,2.

Material. Brasil. São Paulo: Botucatu, 1 ♂, IV.1974, Mantovani col. (MZSP, holótipo).

Discussão. Separa-se de *P. griseocinctus* (fig. 12, 18) pelos grânulos da base dos élitros muito pequenos, pouco aparentes; pelos tubérculos anteníferos menos projetados; pelo antenômero III (fig. 17, 18) (♂) não adelgaçado em direção ao ápice; pelo padrão de colorido e pelos lobos oculares inferiores maiores, tão longos quanto as genas.

Oncideres teixeirai, sp. n.

(Fig. 52)

Caracteriza-se pelo protórax desprovido de tubérculos laterais desenvolvidos e pronoto transversalmente rugoso em toda a superfície. Estas peculiaridades aproximam a nova espécie de *O. cervina* e separam-na de todas as outras espécies do gênero.

Distingue-se de *O. cervina*: menores dimensões (14,0x4,4 mm); úmeros transversais, sem carena; terço basal dos élitros densamente granuloso; metade apical dos élitros não recoberta por pubescência densa; lados do metasterno densamente brancos; pubescência abdominal rala; colorido geral.

♀. Tegumento castanho e opaco na cabeça, protórax, regiões inferiores do tórax e pernas; castanho-escuro, brilhante, nos élitros; castanho-avermelhado, brilhante, no abdômen. Cabeça com pubescência castanho-clara, pouco densa, alaranjada ao redor dos olhos; castanho-claro, pouco densa, no tórax; nos élitros em muitas máculas amarelo-alaranjadas em toda a superfície, entremeadas por pubescência branca, rala, pouco mais concentrada à frente da área glabra centro-lateral; nos mesepimeros, metepisternos e mesepisternos, como no protórax; no mesosterno e centro do metasterno esbranquiçada; nos lados do metasterno densa, branca, ocupa toda porção mais lateral; no abdômen aglomerada, esbranquiçada.

Lobos oculares inferiores pouco mais curtos do que as genas. Antenômero III arqueado. Antenas atingem o ápice dos élitros na extremidade do antenômero X. Protórax tronco-cônico; tubérculos laterais muito pequenos. Pronoto com rugas transversais em toda superfície. Bases dos élitros com muitos grânulos grandes, gradualmente menores até antes do meio. Úmeros oblíquos, ocupados por área glabra, não carenada. Metade apical dos élitros com pontuação densa e profunda. Último urosternito ligeiramente emarginado no centro.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 14,0; comprimento do protórax, 1,8; maior largura do protórax (orla anterior), 3,2; comprimento do élitro, 10,6; largura umeral, 4,4.

Material. Brasil. São Paulo: Campos do Jordão (Parque Estadual do Instituto Florestal), 1 ♀, 26.II.1982, E. S. Monteiro col. (MZSP, holótipo).

O holótipo foi doado ao MZSP por Edson Posidônio Teixeira a quem homenageamos com o nome específico.

Oncideres bondari Melzer, 1927

Oncideres bondari Melzer, 1927: 199, est. 5, fig. 16.

Oncideres albifasciata Dillon & Dillon, 1952: 78, *syn. n.*

A comparação do diapositivo do holótipo de *O. albifasciata* (♂, FMNH), com o holótipo de *O. bondari* depositado no MZSP, permitiu estabelecer a sinonímia acima proposta.

Oncideres vicina Thomson, 1868, revalidada

Oncideres heterocera var. *vicina* Thomson, 1868: 79; Dillon & Dillon, 1946: 315.

Oncideres crocala Dillon & Dillon, 1946: 317, est. 12, fig. 2, *syn. n.*

Reestudando esta espécie com base nos diapositivos do tipos e no material da coleção do MZSP, concluímos pela sinonímia proposta acima. Martins (1981: 222), erroneamente, interpretou *O. vicina* como sinônima de *O. ulcerosa*.

Oncideres philosipes Dillon & Dillon, 1946

Oncideres philosipes Dillon & Dillon, 1946: 328, est. 12, fig.12.

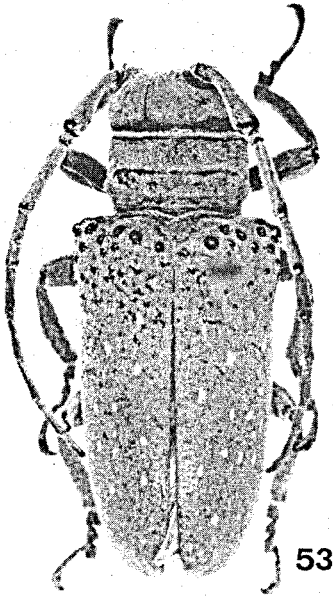
Oncideres duodilloni Gilmour, 1950: 541, fig. 2, *syn. n.*

O exame de material procedente do Peru, de onde ambas as espécies foram descritas e do exame do diapositivo do holótipo de *O. philosipes* permitem estabelecer a sinonímia acima.

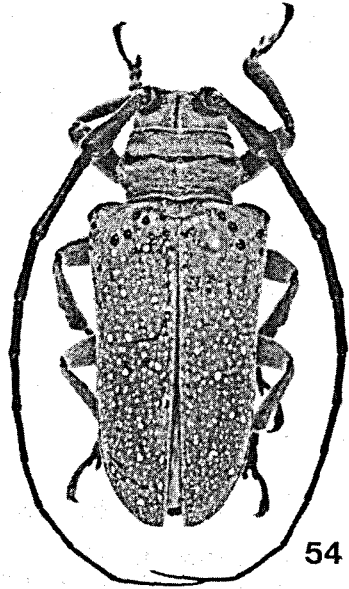
Oncideres diringsi, sp. n.

(Fig. 53)

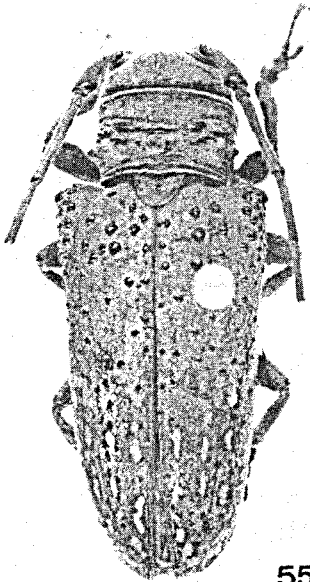
♀. Tegumento preto. Pubescência castanho-alaranjada; cada élitro com ca. 14 máculas brancas, pequenas, distantes entre si. Lados do metasterno com pubescência mesclada de branco



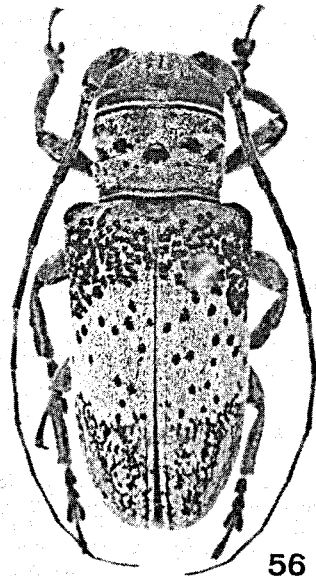
53



54



55



56

Fig. 53, *Oncideres diringsi*, sp. n., holótipo ♀; 54, *O. albopicta*, sp. n., holótipo ♂; 55, *O. aragua*, sp. n., holótipo ♀; 56, *O. pretiosa*, sp. n., holótipo ♀.

e alaranjado. Lobos oculares inferiores com o dobro do comprimento das genas. Antenas curtas, atingem o quarto apical dos élitros. Pronoto com única carena transversal glabra, estreita. Região basal dos élitros com tubérculos glabros pouco numerosos; restante da superfície com pontos recobertos por pubescência branca, menos densa. Mesosterno e região central do metasterno com pubescência mais esbranquiçada.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 18,0; comprimento do protórax, 2,6; maior largura do protórax, 3,0; comprimento do élitro, 12,7; largura umeral, 7,1.

Material. Brasil. Amazonas: Benjamin Constant (Rio Javari), 1 ♀, IV.1950, Dirings (MZSP, holótipo).

Discussão. Dentre as espécies que apresentam única carena glabra no pronoto, *O. diringsi* por não apresentar linhas glabras no terço apical dos élitros que também não têm espaços glabros, colorido geral castanho ou alaranjado com máculas elitrais brancas e regiões laterais dos esternos torácicos sem pubescência branca aproxima-se de *O. boliviana* e de *O. germari*. Distingue-se de ambas por apresentar poucas máculas brancas, isoladas e distantes nos élitros; pelo maior número de grânulos junto às bases elitrais; pela ausência de rugosidades no pronoto; pelas antenas das fêmeas que não ultrapassam as extremidades elitrais e pelos tubérculos laterais do protórax muito pouco desenvolvidos.

***Oncideres albopicta*, sp. n.**

(Fig. 54)

♂. Tegumento preto. Pubescência, quer na face dorsal, quer na ventral, uniformemente fulvo-alaranjada. Toda superfície dos élitros (base exceto) salpicada de máculas brancas, em grande número, isoladas, mas próximas. Lobos oculares inferiores com ca. dobro do comprimento das genas. Antenas curtas, atingem o ápice elitral no meio do antenômero X. Pronoto com única carena glabra, larga. Tubérculos laterais do protórax desenvolvidos. Região basal de cada élitro com apenas 6-7 grânulos. Procoxas com tubérculo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 21,5; comprimento do protórax, 3,4; maior largura do protórax, 6,5; comprimento do élitro, 16,8; largura umeral, 8,8.

Material. Peru. Huanuco: Tingo Maria (Rio Huallaga, 650-800 m), 1 ♂, IX.1960, Dirings (MZSP, holótipo).

Discussão. O conjunto de caracteres supra mencionados na discussão de *O. diringsi* também aproximam *O. albopicta* de *O. germari* e de *O. boliviana* que, como ambas, apresenta tubérculo lateral do protórax desenvolvido. O padrão de colorido elitral constituído por muitas máculas brancas isoladas permite distinguir imediatamente *O. albopicta*. Além disso, difere de *O. germari* pelo colorido geral fulvo-alaranjado e pelas antenas curtas dos machos. Este padrão de colorido também separa largamente *O. albopicta* de *O. diringsi*, esta com tubérculo lateral do protórax pouco desenvolvido.

***Oncideres aragua*, sp. n.**

(Fig. 55)

♀. Tegumento preto; castanho-avermelhado nos antenômeros II-V (VI-XI faltam, quebrados), na metade apical dos élitros, na face ventral e nas pernas. Pubescência castanho-clara; metade apical dos élitros com manchas alaranjadas, longitudinais, de contornos irregulares, circundadas por estreita região glabra. Mesepimeros, mesepisternos e região lateral do metasterno densamente brancas; o limite interno da mancha branca metasternal com o colorido do centro do metasterno é gradual, não abrupto. Lobos oculares inferiores delgados, apenas mais longos do que as genas. Pronoto com cinco manchas glabras transversais. Tubérculos laterais do protórax evidentes mas curtos. Tubérculos da base dos élitros concentrados perto dos úmeros; os mais dorsais grandes, pouco numerosos, com ápice ligeiramente voltado para trás e no quarto antemediano arredondados, esparsos, pouco projetados.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 18,0; comprimento do protórax, 2,8; maior largura do protórax, 2,9; comprimento do élitro, 13,3; largura umeral, 7,0.

Material. Venezuela. Aragua: Rancho Grande, 1 ♀, 5.VIII. 1968, J. Maldonado C. col. (NMNH, holótipo).

Discussão. A mancha branca dos lados do metasterno não estabelece limite abrupto com a região imediatamente interior e não envolve machas coloridas. Estruturalmente aproxima-se de *O. dalmani* mas difere pela presença de manchas alaranjadas e longitudinais na metade apical dos élitros. Não pode ser confundida com *O. fulvostillata* porque as manchas alaranjadas da metade apical dos élitros não são arredondadas e estão circundadas por estreita área glabra.

Oncideres pretiosa, sp. n.

(Fig. 56)

♀. Tegumento castanho-avermelhado. Fronte pouco pubescente com faixa estreita lateral alaranjada. Pronoto predominantemente branco; amarelado entre os tubérculos e atrás das áreas glabras mais laterais. Declividade basal dos élitros amarelo-alaranjada; área central largamente branca; terço apical subglabro, com áreas de pubescência branca e 3-4 faixas longitudinais, irregulares, de pilosidade alaranjada. Face ventral com pubescência branca, muito compacta nos mesepimeros, mesepisternos, metepimeros e região lateral do metasterno. Lobos oculares inferiores tão longos quanto as genas. Antenas alcançam as extremidades elitrais no ápice do antenômero IX. Tubérculos laterais do protórax diminutos, apenas indicados. Pronoto com três tubérculos glabros desenvolvidos e uma área glabra a cada lado. Grânulos da base dos élitros numerosos, próximos, às vezes contíguos; faixa branca central salpicada por alguns pontos castanhos.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 16,3; comprimento do protórax, 3,1; maior largura do protórax, 4,5; comprimento do élitro, 11,5; largura umeral, 6,2.

Material. Brasil. Amazonas: Manaus, 1 ♀, X.1977, B. Silva col. (MNRJ, holótipo).

Discussão. O padrão de colorido é muito semelhante ao de *O. fulvoguttata*; difere pelo grande número de tubérculos na base dos élitros e pelos tubérculos e áreas pronotais. Em *O. fulvoguttata* o pronoto apresenta uma carena glabra transversal e os grânulos da base do élitros grandes e separados. Além disso, a área central branca dos élitros é mais estreita e a região apical apresenta diversas máculas alaranjadas com aspecto arredondado.

Em *O. diana*, que também tem padrão de colorido semelhante, a região apical dos élitros não apresenta manchas alaranjadas e os tubérculos laterais do protórax são pequenos mas evidentes.

REFERÊNCIAS

- Audinet-Serville, J. G., 1835. Nouvelle classification de la famille des longicornes (suite et fin). Ann. Soc. Ent. France (1)4:197-228.
- Aurivillius, C., 1921. Neue Cerambyciden aus der Sammlung G. van Roon. Tijdschr. Ent. 64:46-53, 1 est.
- Aurivillius, C., 1923. *Coleopterorum Catalogus*, pars 74, Cerambycidae: Lamiinae, Berlin, W. Junk, p. 323 - 704.
- Bates, W. H., 1865. Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. Coleoptera: Longicornes. Ann. Mag. Nat. Hist. (3)16:101-113; 167-182; 308-314.
- Bates, H. W., 1885. *Biologia Centrali-Americana*, Coleoptera, suppl. to Longicornia 5:249-436, est. 17-24, Londres.
- Dillon, L. S. & E. S. Dillon, 1945-46. The tribe Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae), parts I-II. Sci. Publ. Reading Publ. Mus. 5-6: XV+413.
- Dillon, L. S. & E. S. Dillon, 1952. The tribe Onciderini. Supplementary notes. Ann. Ent. Soc. Amer. 45:59-79.
- Erichson, W. F., 1847. Conspectus insectorum coleopterorum quae in Republica Peruana observata sunt. Arch. Naturg. 13:67-185.
- Fairmaire, L. & P. Germain, 1859. Révision des coléoptères du Chili (suite). Ann. Soc. Ent. France (3)7:483-532.

- Fisher, W. S., 1935. New West Indies cerambycid beetles. Proc. U. S. Nat. Mus. 83(2979):189-210.
- Giesbert, E. F., 1984. The genus *Ischiocentra* in Central America (Coleoptera: Cerambycidae). Wasmann J. Biol. 42 (1-2):78-83.
- Gilmour, E. F., 1950. New Onciderini (Col., Cerambycidae, Lamiinae). Revta Ent. Rio de Janeiro 21(3):537-544.
- Gilmour, E. F., 1963. Some Caribbean Coleoptera Cerambycidae. Stud. Faun. Curaçao oth. Carib. Isl. 18(78):75-102.
- Lacordaire, J. T., 1872. *Genera des Coléoptères...* Paris, Encyclopedique de Roret, 9(2):411-930.
- Lameere, A. A., 1893. Voyage de M. E. Simon au Venezuela (Décembre 1887 - Avril 1888). Longicornes. Ann. Soc. Ent. France 62:273-280.
- Lane, F., 1956. Cerambycoidea Neotropica nova. IV, (Coleoptera). Dusenía Curitiba 7(1):1-32.
- Martins, U. R., 1975. Notas e descrições em Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae). Papéis Avuls. Zool. S. Paulo 29(10):65-70.
- Martins, U. R., 1979. Descrições e notas sobre Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae). Revta bras. Ent. 23(2):147-156.
- Martins, U. R., 1981. *Idem*, II. Papéis Avuls. Zool. S. Paulo 34(21):221-234.
- Melzer, J., 1927. Longicorneos do Brasil novos ou pouco conhecidos. Revta Mus. Paulista 15(1):135-202.
- Melzer, J., 1931. Longicorneos americanos, principalmente do Brasil, novos ou pouco conhecidos. Arch. Inst. Biol. S. Paulo 4:51-82.
- Melzer, J., 1934. Novos subsidios para o conhecimento dos cerambycideos neotrópicos. Revta Ent. Rio de Janeiro 4(1):70-110.
- Pascoe, F. P., 1859. On new genera and species of longicorn Coleoptera. Part IV. Trans. Ent. Soc. London (2)5:12-61.
- Thomson, J., 1860. *Essai d'une classification de la Famille des Cérambycides ...* Paris, 404 p.
- Thomson, J., 1864. Systema Cerambycidarum... Mém. Soc. Sci. Liège 19:1-540.
- Thomson, J., 1868. Révision du groupe des Oncidérines (Lamiites, Cérambycides, Coléoptères). Physis Rec. Hist. Nat. 2(5):41-92.